

N.^o
28-30
—

ALMA NOVA

4,5
ESC.
—

ALMA NOVA

(Publicação fundada em 1914)

PROGRAMA:

CONTRIBUIR PARA O RESSURGIMENTO NACIONAL, DESPERTANDO O CULTO DAS VIRTUDES PÁTRIAS E O AMOR DAS COISAS PORTUGUESAS; TORNAR PORTUGAL E OS SEUS PRODUTOS CONHECIDOS NO ESTRANGEIRO

Diretor Literário e Geral: Mateus Moreno • Diretor Artístico: Saavedra Machado • Secretário: Rebelo de Bettencourt

REDACTORES LITERÁRIOS: Dr. Ascensão Mendonça, Dr. Braga Paixão, Dr. Cláudio Basto, Tenente de Marinha Eduardo Raposo, Tenente José Brandão, Dr. José Gonçalo Santa Rita, Dr. José Guerreiro Murtinho, Luís Chaves, Dr. M. Pereira da Silva, Dr. Nuno Cruz, Dr. Pedro Júdice e Dr. Teófilo Júnior. **REDACTORES ARTÍSTICOS:** Eduardo Romero, Francisco Valença, João José Gomes, Jorge Segurado e Samora Barros.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CALÇADA DE JOÃO DO RIO, 8-1. (À POLITECNICA) — LISBOA

III.ª Série. — N.º 28 a 30. — Vol. III

Abel-Junho de 1925

SUMÁRIO:

	Pág.		Pág.
Capa: Arco do Carrasco (Óbidos), por Martinho da Fonseca	35	Vox Dei e Ansiedade, sonetos de Celestino Rodarte de Almeida	57
Pelo mundo: Notas do Tenente X	39	Neve efêmera, versos de Nuno Cruz	58
Síntese monumental (fotografia)	40	A filosofia do regionalismo na vida nacional e o seu vario aspecto — crítico, social, económico, por Mário Gonçalves Viana	60
Crónica, por Mateus Moreno	41	Recordar... Reviver... Costa Alegre, por Cruz Magalhães	61
As nossas Escolas Superiores: O Instituto Superior de Coimbra	44	Tradições açorianas: A Proclamação do Trabalho, por D. Ernesto Ferreira	62
Acção e Fé, por A. Reis Machado	45	Arquitectura: O românico gótico em Portugal (A capela de São Pedro em Aveiro) — conclusão, por Vieira Gonçalves	63
Interesses Portugueses na América-do-Sul (cont.)	47	Coisas e Novelas: Note de Maio, por Barroso Soeiro	65
de Bettencourt Ferreira	47	Notas subsecundárias para uma bibliografia portuguesa da Grande Guerra, pelo Tenente José Brancalho	66
Figuras do Mês: Camões	49	Piguras e facetas (reportagens gráficas)	67
Relembra Camões, por Fidelino de Figueiredo	49	Páginas dos Teatros: Angelina Pinto, por M. M.; Impressões e Críticas, por Eduardo	68
Camões e a Restauração de Portugal, por Nuno Calharro Cardoso	50	Página desportiva, por Ribeiro dos Reis	69
Etnografia artística: Cabanas do Alto Alentejo, por Luís Chaves	50	Sciéncia, Vontade e Valentia, palavras à memória de Secundino Salazar, por Ernesto Perestrelo	70
Tendências da nossa literatura (Fidelino de Figueiredo), por José Guerreiro Maria	51	Bibliografia	70
Notas de Banco: I, por José Dinisodio	52	Pelas províncias: Cortado, por M. Silveira; A inauguração do rapido para o Algarve; Nove canções; A serra portuguesa	71
Os nossos artistas: Venus moderna, escultura de João José Gomes	53		
Algurso intelectual: João Lúcio	54		
Algarve lúpico: A característica ria de Olhão (fotografia)	55		
Évora monumental: Erura antigo, por Alberto Gomes	56		
Os nossos poetas: Engº Celestino R. de Almeida, busto de João José Gomes	57		

No próximo fascículo publicaremos os artigos sobre Anatole France, Pácaros portugueses e Tarifa, a linda, ameaçados para todo.

A Alma Nova sai actualmente apenas de 3 em 3 meses, em fascículos de 3 números, devendo porém em breve passar a sair todos os meses.

AMIGOS DA "ALMA NOVA"

ASSIM consideraremos todas as pessoas que por qualquer das formas seguintes desejarem cooperar no programa da nossa revista:

1.º — Assinando e recomendando a Alma Nova às pessoas das suas relações, e obtendo e pedindo a cada novo assinante que por sua vez consiga o maior número de assinaturas de pagamento garantido;

2.º — Concedendo ou angariando subsídios para desenvolvimento geral do seu programa;

3.º — Anunciando ou fazendo anunciar na Alma Nova, invocando a larga distribuição da mesma por todo o País, Ilhas, Colônias e principais mercados do Estrangeiro, como garantia da utilidade comercial desses anúncios.

Novos «Amigos» inscritos (Continuação):

		Assinaturas engravidadas	Subsídios — Transporte	100\$000
79 — Sociedade Filarmónica Lacobrigense, Lagos		1 — Anual		15\$000
80 — Afonso Augusto de Magalhães, Chaves		1 — Anual		5\$000
81 — Dr. J. M. de Bettencourt Ferreira, cônsul em Boston, E. U. A.		1 — Anual		
— Dr. Jaime da Graça Mira, Coimbra		4 — Anuais		
— Dr. Manuel Gomes dos Santos, Lisboa		2 — Anuais		
— João José Gomes, escultor, Lisboa		1 — Anual	A transportar	120\$000

Todos os «Amigos» tem o desconto de 20 % nas suas assinaturas e 10 % nas demais obras editadas pela Biblioteca da ALMA NOVA (Ed. Ressurgimento). Ver lista das obras, na capa.



Croquis - de um aluno

UM CONVITE!

A TODOS OS QUE SE INTERESSAM
■ ■ ■ ■ PELO DESENHO ■ ■ ■ ■

PELO desenho podereis instruir-vos e esquecer os dissabores diários, anotando com o lápis ou o pincel as impressões pessoais, discernindo os momentos felizes da vossa existência e fixando-os dum vez para sempre no vosso álbum de «croquis».

O curso A B C ensinar-vos-há imediatamente a fazer «croquis», desde a primeira lição, introduzindo-vos os princípios de desenho, pelo seu próprio método de ensino individual e pessoal. Venceréis assim as primeiras dificuldades e seréis rapidamente senhores do vosso lápis e do vosso pincel.

Os que recelam não desenhar convenientemente, se quiserem, se sentirem o desejo, se aperceberem as coisas artísticas, em breve terão a técnica do desenho. O que vos falta é um guia.

Consultam, pois, que o curso A B C vos mostre como ai chegam! Dêem hoje o primeiro passo, escrevendo-nos para pedir gratuitamente o nosso álbum de luxo ilustrado pelos nossos alunos e que vos dará todas as indicações sobre o funcionamento do curso.

COURS A. B. C. de Désin "Atelier 112"

12, Rue Lincoln (Champ Elysées), PARIS—FRANÇA

Eliseu & Saraiva, Lim.^{da}
ALPAIATES-MERCADORES
Fazendas Nacionais e Estrangeiras
Fatos em todos os gêneros
: Sobretudos e Gabardines :
Óptimo acabamento — Máxima economia
RUA DA PRATA, 103-2.^a — LISBOA

PREVIDÊNCIA
COMPANHIA DE SEGUROS
CONTRA
INCÉNDIOS E MARÍTIMOS
Sede em Lisboa: Rua do Ouro, 32-2.^a
AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

SERETH NEU
THÉRÈSE QUINCIÀ
ÉTUDE
Roman d'une large émotion psychologique
Dep.: AILLAUD ET BERTRAND
LISBONNE



ALIANÇA COMERCIAL VIDREIRA, L.^{da}

TELEFONE NORTE 4-215

Sede, Escritório e Armazéns de Vendas
29-1.^a, Calçada do García, 31 e 31-A (ao Rossio) — LISBOA

LOUÇAS, VIDROS E ESMALTES

Artigos de zinco e ferro esmalte:
— Alguilares, baldes, tinas, gasómetros, etc.

Ferragens: — Camas, lavatórios, talheres, etc.

Artigos de Iluminação: — Candeeiros, bocas, torcidas e mais pertences.

Garrafões: — envasados de 1 a 30 litros de capacidade.

Metal: — brancos, niquelados, latões, tais como: candeeiros, palmatórias, bandejas, lâmpadas para álcool, etc.

Artigos de fantasia: — apropriados para brindes: candeeiros em separado e em serviços, jarras, garrafas, copos, estojos e outros objectos.

PREÇOS: SEMPRE AOS MELHORES DO MERCADO

■ Importações directas ■

EXPORTAÇÕES PARA TODO O CONTINENTE E ILHAS

ATENÇÃO!

Interessa-vos anunciar na "ALMA NOVA", porque é uma revista de carácter económico e lida em todo o País, Colónias e Estrangeiro. Pedir prospectos e preço dos anúncios.

PELO MUNDO

NOTAS DO TENENTE X...

O mundo de hoje não é o mesmo que o mundo de antes da grande guerra. A influência destas operou em todo o parte um abalo profundo na organização social das povos. Uma corrente de ideais mais humanos tende a estabelecer-se. Definir quais serão as classes que devem guiar essa corrente, tem, porém, sido o esforço de todas as nações.

Quanto a nós julgamos indispensável que a sejam as classes do pensamento. Nada de soltos nem escaldados. A força impróprio aplicada só produz o desequilíbrio e a confusão, confusão que, em certas comedias, é o regresso à barbárie.

Olhando de alto o mundo, vemos ser a Europa ainda a defensora dos mais elevados títulos da Civilização. As duas Américas são para elas o melhor motivo de glória. Centro de espírito humano, mas espírito mais recôndito, continua a ser a fornalha de ideias progressistas que alumiam a devoção dos povos. As suas lebendas do oriente lançam, todavia, um prado de desequilíbrio e confusão em todo os povos...

A propósito do movimento que se desenhou na América a favor da criação dum batalhão naval e militar nos ilhas de Hawaï, informam as agências que o Japão não vê com bons olhos esse movimento e que a sua inquietação é aumentada pela próxima visita da frota americana às águas portuguesas.

Vários jornais disseram aliás que a América parece levar um ataque japonês aquelas ilhas, pelo que alguns temem chegar a pedir a supressão do cruzador e das fortificações do arquipélago.

Por sua vez a América parece também causar alarme a proxima visita dos navios de guerra britânicos ao mar Báltico, agravando-se nos círculos políticos a necessidade de proclamar a lei marcial no distrito de Cronstadt.

Não está ainda tão alastrado, como se vê, o perigo de novas guerras.

No Dinamarca, veio fundar-se uma escola de propaganda bolchevista, em Frederic, tendo-se já criado em Malmö, na Suécia, um escritório de Herlitz, com o mesmo fim. Também com o fim de subsidiar a sua propaganda, sem levantar suspeitas locais, traballam activamente os "Soviets" para a organização de um Banco em Paris, com um capital subscrito por ecções de 10 milhões de rublos cada.

O Governo italiano reclamou do Brasil uma indemnização de 50 milhões, por prejuízos sofridos pelos seus súditos durante a insurreição de São-Paulo.

A guerra do Riff continua sem solução. Abd-El-Krim, chefe dos makhoses, está na disposição de obrigar a França a sair de Marrocos. Um amigo íntimo do vigoroso chefe muçulmano, afirmou a um jornalista que a

(Continua na pag. 71).

Falhetos e publicações recebidas: «Nave de Abril», balaustradas proferidas no dia 2 de Abril de 1923, pelo tenente Nuno Beja, numa sessão solene realizada em Coimbra; «O 1º de Abril» (Palavras dum soldado de Portugal), idem, em Viseu, pelo tenente José Brandão; «Boletim Filatélico», da Casa A. Simões Ferreira & C.ª, rua do Arsenal, 70, Lisboa, n.º 1 e 2 (indispensável a todos os colecionadores); «Avante», revista mensal de História, Literatura, Arte e Sociedade, dirigida por José do Vale e Silva (n.ºs 1 e 2); «Revista do Algarve» (n.º 2), a qual continua a afirmar os seus créditos;

«L'exportateur français», grande órgão do comércio e da indústria francesa; «Homenagem a João de Deus», explênsido número único de «O Messianense», simpático e bem redigido quinzenário de San-Bartolomeu-de-Messines; «Portugal», grande ilustração quinzenal portuguesa do Rio-de-Janeiro; «La Pensée Latine» n.º 52 (Paris); «Esperança», de Oliveira do Bairro, n.ºs 1 e 2; etc.

Recebemos também os primeiros números do excelente semanário «Comer-jo de Angola», o qual conseguiu a publicar-se em Louanda, sob a habil direcção do sr. Gonzaga Martins.

A CRISE DO ENSINO RESOLVIDA EM PORTUGAL

SÓ NÃO APRENDE QUEM NÃO QUERE

CURSOS DE
AERONÁUTICA
AUTOMOBILISMO
ELECTRICIDADE
"CHAUFFAGE" CENTRAL
CIMENTO ARMADO

Ensino sempre por correspondência, todos os cursos em língua francesa, diploma no fim dos cursos. Pagamento a prestações mensais. Proporcionam-se colocações nos países que os conduzem. Certificados de estudos devidamente reconhecidos pelas altas esferas francesas e belgas. Prestam-se todas as informações. Pessoalmente trata-se todos os dias entre das 16 às 18 e das 21 às 23 horas.

Escrever ao representante em Portugal do INSTITUTO MODERNO POLITÉCNICO
Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D — LISBOA

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

III SÉRIE — VOL. III

LISBOA — ABRIL-JUNHO DE 1925

NÚMEROS 28-30



SINTRA MONUMENTAL

De quanta beleza a Natureza foi pródiga em dotar Portugal, Sintra — verdadeiro «Paço de Águas reais, feito em granito», na fôrte expressão do poeta do «Último Lusitano», Mário Beirão — é, seguramente, uma das mais notáveis. Anunciando, para breve, a publicação, na Alma Nova, dum circunscrito estudo sobre o referido esplendor, estudo subscrito por um ilustre poeta e jornalista local, o sr. Francisco Costa, temos o prazer de presentear hoje os nossos leitores com uma das mais impressionantes e curiosas siluetas do pitoresco monumental orográfico.

A nossa fotografia representa os dois montes dominantes, onde se erguem, como sentinelas celestes, o «Castelo dos Mouros» e o «Palácio da Pena», e foi tirada pela importante casa «Lazarus», de Lisboa.

C R Ó N I C A



A «Alma Nova», como órgão defensor dos interesses da grei portuguesa e da possível realização das suas virtudes patrióticas, não podia limitar o seu programa a uma actuação meramente contemplativa da passada, sem ofuscá-la, na hora difícil que passa, os seus deveres mais instanciosos.

Assim, dado o enorme público que já tem, por todo Portugal, de Norte a Sul, e ainda no Brasil e nas Colónias, judge de seu direito aproveitar o entusiasmo crescente que esse mesmo público lhe tem dispensando, para nele semejar algumas ideias atuais, no sentido dum a renovação mental e quicás política, tendentes ao ressurgimento do país.

Não se assustem, todavia, os conservadores trópegos, nem as ultra-acançadas; com todos continuaremos a cooperar, até onde for razoável.

A corrente de ideias esboçada por alguns dos mantevedores do patriótico «Núcleo de Ressurgimento Nacional», da «Crusada Nun Meires» e, possivelmente, do «Grupo Secra-Nor», encontrarão em nós um rigoroso eco. Resta, porém, que os idealistas acabeis onde se verifique que são impetrantes...

Por um Portugal Novo! — éis a nossa liríca.

Camilo Castelo Branco. — «A única individualidade literária verdadeiramente portuguesa que a nossa história do começo conta, de há cem anos para cá, na opinião, que constumamos, dum dos seus mais eruditos biógrafos, foi também, e talvez por isso mesmo, uma das mais trocistas figuras da dominante galeria dos nossos escritores.

O 1.º centenário do seu nascimento, este ano comemorado, se não em erguido, além, o monumento que se projectava, reu pelo menos dedicar-se-lhe, mais algumas belas e profusas obras em honro monumental... .

A ideia da «Casa de Portugal» no Brasil, iniciativa que tanto nos pode ser útil, vai a caminho das realizações práticas. Mais de vinte mil portugueses ali devem brevemente estar inscritos.

Da Comissão Instaladora da referida «Casa» recebemos o seguinte ofício:

* Amigo e Compatriota: Gostaria a honra de vos comunicar que em conformidade com o previsto no artigo II e seus parágrafos dos nossos Estatutos, foi V... - em reunião da direcção do Centro do Algarve, com sede nesta cidade de Rio-de-Janeiro, eleito este Correspondente nessa Cidade.

Do resto nenhuma que compreenda patriotismo e amar a Província onde nascemos muito deve falar a favor a esperar da nossa causa em prol da Obra sede País iniciada com a fundação dos Centros Regionais Portugueses, alícerces firmes entre uns e outros, que é a Casa de Portugal.

Descrever-me o nosso programa é missão difícil; parem oportunamente os senhores para os elementos necessários para que V... - aqui os cumpra, permitindo que desde já me diga que o nome é «Pra Portugal»!

Aproveitando a oportunidade de vos apresentar não só os compromissos pessoais dos membros dessa diretoria, bem como os meus próprios, me falam, Pra Direcção, Dr V... etc. (1) Francisco das Flores Gonçalves (2.º secretário).

Não podem deixar de estar ao lado de tão simpática cruzada, todos os espíritos patrioticamente intencionados.

Bom seria também que em Lisboa, a ideia da «Casa do Algarve», lá tanto tempo exposta, saisse de vez dos caboclos juntinhos das palmeiras para a carpinhar definitivamente dos andares...

Fidelino de Figueiredo, que é hoje uma das nossas mais pajantes organizações literárias, quer como critico, quer como crítico, foi convidado para assumir a direcção dum grande órgão de cultura, de filosofia político e administração pública, de que deverá sair brevemente o 1.º numero.

Alheia às lutas partidárias, propõe-se essa revista contribuir para a organização dum ação mentalidade conservadora, do mesmo passo tradicionalista e progressiva, para opon doctrinários, ideias e factos à mortifera ideologia revolucionária.

nária, que tem engravidado o espírito do país e produzido derrotas bem precentes.

Senhor dumella intuição estética e elevada cultura literária e filosófica raras, com as melhores relações na estrutura e dirigido ho estorze anos uma revista científica, Fidelino de Figueiredo conquistaria, decerto, os melhores louvores, com a nova publicação.

Para reitor da Universidade de Coimbra, em substituição do deputado nacionalista sr. Canha Laut, deposto por ocasião do movimento militar de 18 de Abril, foi nomeado o Dr. Henrique de Vilhena, professor muito estimado da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, e director do Instituto Anatomico da mesma Faraldeade.

O douto centro universitário pode orgulhar-se de ter no seu seio uma figura de alto prestígio intelectual e moral.

Lerara-nos a morte, ainda não há muito, uma das maiores figuras femininas do teatro português — Angela Pinto — e agora mesmo vos acaba de arrebatar outra, dentre os masculinos, — Eduardo Brásio. Tanto a primeira como o segundo mereceram, sem lisojo, o título de Grandes da Scena portuguesa, e força-se mister que os que tão frondos não se pejem de imitá-los, para que não se converta em desolação o que em nos apenas deve ser mundaneo...

Jodo Chagas, também recentemente falecido, foi um jornalista político de grandes qualidades e um velho defensor da causa republicana. Preparou com os seus artigos o 31 de Janeiro e, implantado o actual regime, foi seu ministro e diplomata. Na vacatura do actual presidente, havia probabilidades de vir a ser eleito para o supremo magistratura.

O Governo consagraram-lhe funerais nacionais.

Os discípulos e amigos do grande pintor Carlos Reis, prestaram o 22 de Maio, em uma simpática festa realizada nas salas da Sociedade Nacional de Belas-Artes, homenagem aos últimos discursos do glorioso Mestre.

Columbano, que devia ter recebido também, no princípio do corrente ano, as homenagens dos seus discípulos, mas que por ter adocido não pode assim receber-las, em ter, enfim, brevemente a sua consagração.

Muitas publicações portuguesas e estrangeiras se têm referido à nossa revista em termos que não podemos deixar de agradecer, profundamente sensibilizadas.

Pôde é, de facto, «que não haja bastantes Almas Novas e que a política de todos os que escrevem não seja a da divisa desta revista».

Perguntaram-nos ho dia: «Mas porque será que se fala e brinca tanto nas revoluções, em Portugal?»

A resposta é simples: Fala-se e brinca-se tanto nas revoluções, porque nunca se pensou a ser na Verdadeira. Essa não se faz, porém, com manifestos políticos, sempre mesquinhos ou maus, nem com espadas desembainhadas, bombas e tristes; essa faz-se apenas com o coração e a religião, com o misticismo e a cartilha, com o orgulho e a fé.

Edudem-nos todos nos bons princípios da ordem e do trabalho — virtudes máximas da grei — e os perturbadores profissionais deixarão, propriamente, de o ser, à falta de ambiente adequado.

E' necessário transigir, claramente com ar agressivo, alguns defensores de criminosos socialis.

Nada de transições nem coartadas. O escrachado lacra toda a terra, quando o larrador, ocioso, não procura atelhá-lo a tempo.

Prevenimos os nossos leitores de que todos os artigos e livros que não levem assinatura são da exclusiva responsabilidade do director literário.

As nossas Escolas Superiores

O INSTITUTO SUPERIOR DE COMÉRCIO DE LISBOA



O Ilustre director do Instituto sr. Dr. Francisco António Correia,
com o diretor da Alma Nova, numa das visitas de maior estabelecimento.

Ao iniciarmos a presente série da Alma Nova, prometemos percorrer, em devolvida romagem, todos os museus, galerias de Arte, «ateliers» e principais monumentos do país, ficando impressões próprias ou escolando os artistas. Entre os monumentos devem-nos incluir, com imensa simpatia, os estabelecimentos de ensino. Eles são os verdadeiros pilares da reconstrução nacional. Não basta o culto do passado; é indispensável preparar o futuro, — e este é função das Escolas. Sem instrução não pode haver progresso, mas sem boas escolas não pode haver bons mestres.

O Instituto Superior de Comércio de Lisboa, de que é director o ilustre homem público, professor e publicista Dr. Francisco António Correia, pertence à categoria das boas escolas.

Dilei pôde dizer, numa recente visita, o sr. Paul Delombte, antigo ministro da Comércio e Indústria de França, que «havia admitido uma instituição que verdadeiramente invejava para a França», alusão recíproca a um seu colega, Monsieur Chauvel, antigo ministro e deputado por Dordogne, nas precisas termos que seguem:

«Mon cher ami, je connais, vous le savez, toutes nos Ecoles Supérieures de Commerce de France, je connais notre Ecole des Sciences Politiques; dans mes nombreux voyages j'ai visité le pluspart des établissements similaires de l'étranger, nulle part je n'ai vu une institution aussi parfaitement bienusement dirigée. Vous verrez à l'Institut Supérieur de Commerce un établissement modèle et dont nous n'avons malheureusement pas en France l'équivalent comme perfection d'installation.»

Este Instituto é mantido pelo Estado e dependente do Ministério do Comércio e Comunicações, datando a sua criação, como escola autónoma, desde 23 de Maio de 1911, e a regulamentação dos seus serviços desde 5 de Julho de 1913.

Pertence à categoria dos estabelecimentos de ensino superior, com os seus cursos equiparados aos de todas as escolas universitárias portugue-

E UM ESTABELECIMENTO DE ENSINO QUE HONRA O PAÍS

sas, e o seu fim é «ministrar aos alunos uma instrução desenvolvida e adaptada às necessidades económicas e comerciais do país».

Os cursos actualmente a professados, são os seguintes: a) Curso Superior Aduanário; b) Curso Superior de Finanças; c) Curso Superior Contábil; d) Curso Superior de Comércio.

O Curso Superior de Comércio constitui a «instrução mais larga que o Instituto fornece, sendo uma integração de todos os outros e concedendo a obtenção da carta respectiva o título de Commercialista. Nos três ateliers procura-se preparar, não simples diplomados, mas funcionários superiores profissionalmente afeitos e conscientes das suas missões quer no país quer nos seus diversos postos diplomáticos no estrangeiro. São eles, pelo seu conhecimento e pelo seu mérito que os dirige, «os pilares culminantes do grande plano de ressurgimento de nosso País».

Atento ao Instituto para efeitos pedagógicos, embora com organização administrativa autónoma, existe o Museu Comercial, criado por Decreto de 23 de Setembro de 1912 e de que é conservador um espírito muito culto e zeloso tratoalhador, — o Dr. Joaquim José de Barros.

Para poder corresponder aos seus fins de grande informador do exterior (sobre preços, qualidades, condições de transporte, stocks, regimes fiscais, econômico-militares, principais procedimentos e consumidores, e todos os mais esclarecimentos que possam interessar para convenientemente trabalhar-se o comércio de cada mercadoria), estabelece o Instituto para que este Museu, que está ainda, de facto, «em embrujo», seja transferido para instalação própria, a erguer no velho terreno onde se achava edificada o antigo convento das Francesinhas, hoje em encumbres, e que o Estado já cedeu.

As ofícios tipográficos da Secção de Publicidade deste Museu são já incontáveis e terão brevemente instalação condigna.

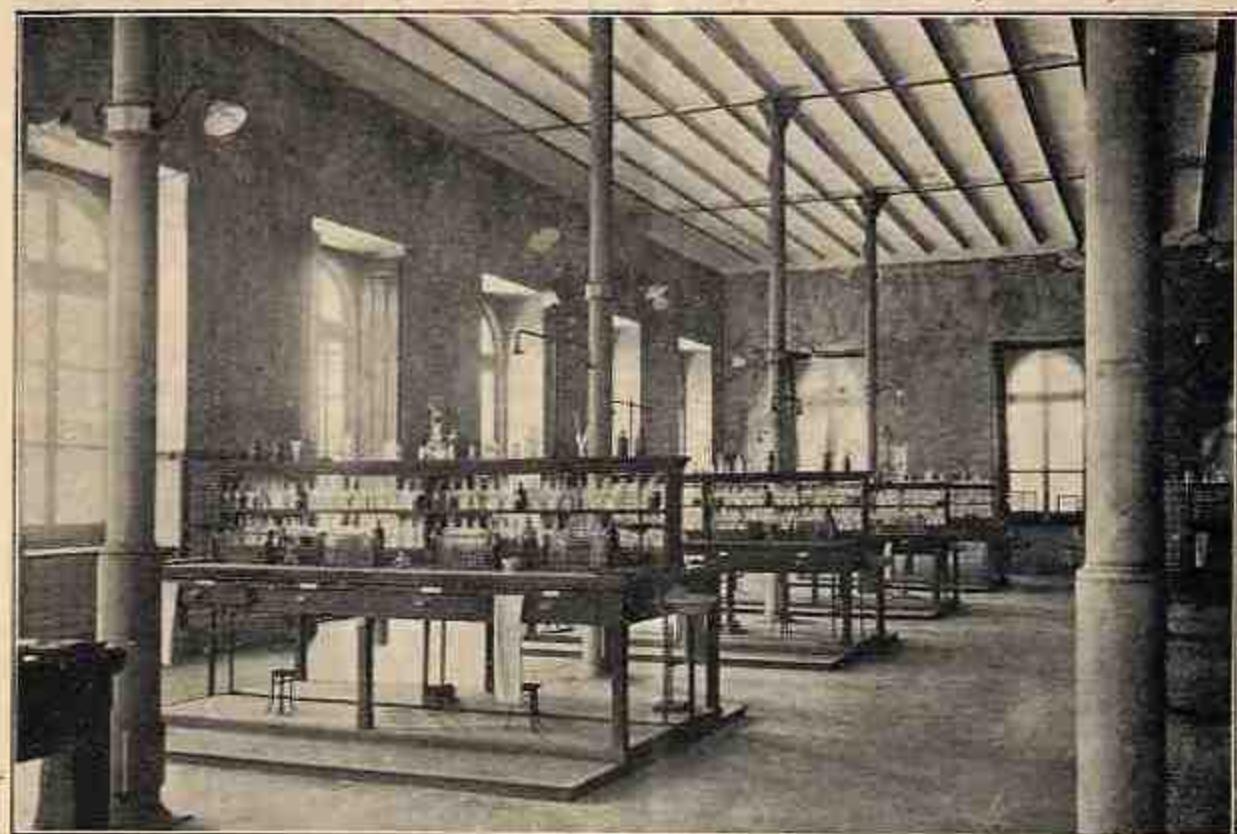
Felicitando o sr. Dr. Francisco António Correia pela alta dedicação patriótica que tem posto na direcção de tão brillante Instituto, teste-nosmos-lhe os nossos maiores agradecimentos pela maneira gentil como nos recebeu.



INSTITUTO SUPERIOR DE COMÉRCIO DE LISBOA.—ESCRITÓRIOS COMERCIAIS



INSTITUTO SUPERIOR DE COMÉRCIO DE LISBOA.—ANEXO DOS ESCRITÓRIOS COMERCIAIS



INSTITUTO SUPERIOR DE COMÉRCIO DE LISBOA.—LABORATÓRIO



INSTITUTO SUPERIOR DE COMÉRCIO DE LISBOA.—MUSEU

D O U T R I N A N D O

ACCÂO E FÉ

O espírito é que vivifica. — Cristo.

O mundo está cheio de inúmeras possibilidades. — Leonardo de Vinci.

O último passo da razão é reconhecer que há uma infinitude de coisas que a ultrapassam. — Pascal.

E falso de prudência o que pronuncia a palavra impossível. — Arago.

A experiência imediata da vida resolve os problemas que mais desconfiam a nossa inteligência conceitual. — William James.

SÃO numerosos aqueles (e em Portugal, devido às condições especiais desta nação, o seu número é considerável) para quem os sentimentos, as ideias e os factos novos (novos para eles ou novos para o mundo) são escândalos, anomalias, contra-sensos que importa afastar, combater, destruir.

Formado o seu espírito por um determinado conjunto de elementos: exemplos, conversas, leituras... obtido um critério mais ou menos próprio, adequado ao próprio temperamento, espécie de sinecure que passa a acompanhá-lo sempre, deu-se neles uma completa cristalização enquanto a realidade complexa e variável tumultua em redor do seu estacionamento. A sua reduzida e superficial experiência dá-lhes uma reduzida e superficial idéia das coisas. E para eles loucura, fantasia, ilusão o que não compreendem. A alma que impõe as civilizações (especialmente a europeia, hoje espalhada pelo mundo inteiro) não tem para eles nenhuma significação íntima e profunda. As grandes conquistas humanas em todos os campos da humana actividade são de facto, para tais indivíduos, letra sem espírito: exerioridades fatais em que o homem aparece passivamente como elo dum enorme mas simples cadeia, escravo de leis imutáveis.

Tronquilos na sua estreita e assente visão, tornam-se assim incapazes de admitir o que essa visão não engloba, o que se poseram em estado de não compreender. E abraçados a teorias que mais valor leem pelo engenho que representam da parte de quem as engendrou, ou pelo seu poder eficiente, do que pelo valor explicativo, vivem meros especuladores, quando não sérios estorvos, da criação alheia.

Estes indivíduos encontram-se em todos os campos: na economia, na política, na ciência, na arte, na literatura, na moral, na religião, na filosofia, comprometendo-as com a sua atitude; não percebendo os seus renovadores, aqueles que, superiores intérpretes do seu espírito, as remodelam, as vitalizam, as impulsoram à custa dos maiores esforços, dos mais duros sacrifícios.

A história do progresso é a educativa história desses esforços e desses sacrifícios, donde resulta fundamentalmente (alavés, por vezes, de tantos erros) o enriquecimento sempre maior da personalidade humana, no seu modo de ser íntimo, nas suas virtualidades; donde resulta o crescente domínio do homem sobre si, a sociedade e a natureza, e donde também resulta a prova de que, se no campo prático e inteligência humana reveste inapreciável importância, no

campo vastamente especulativo não passa dum pobre acidente freguesante.

E a ação estimulada pela fé, ainda que servida pelo saber e encaminhada, organizada pela razão, — mas a razão sempre viva, que é a base essencial duma existência verdadeiramente humana, da vida como deve ser vivida e o tem sido pelos heróis e pelos santos, por todas as almas obscuras ou brilhantes em que tem assentado a marcha da civilização.

E desde as primeiras cabanas, as primeiras ferramentas, os primeiros barcos, até aos palácios, às máquinas, aos paquetes de hoje, desde os mais remotos governos autocráticos às modernas democracias, desde a velha escravatura ao proletariado contemporâneo, desde as antigas crenças idólatras à religião do nosso tempo, observamos um insano trabalho amassado em suor e sangue num turbilhão de avanços e recuos, de insucessos e controveiros, crises talvez necessárias na misteriosa ordem das coisas.

Toda esta senda gloriosa e triunfante nos apresenta a história do progresso, senda cheia de porvir, dos mais espetaculares imprevistos, a pesar da opinião e da atitude dos que formam o acanhado horizonte em que vivem pelos limites do universo, miopes do espírito para quem só existe o que cai ao alcance dos seus pobres olhos deformados.

O mundo das possibilidades é, pois, um mundo sem fim. A realidade, na sua complexíssima textura, na riqueza imensa dos seus modos de ser, é um manancial inexgotável com que a experiência humana tem vindo, pouco-a-pouco, a lombar útil contacto. As combinações, as leis, as teorias, os sistemas, são resultados desse contacto, balizas provisórias mas instrumentos eficazes, ricos de realizações em que a existência humana se afirma cada vez mais larga.

O homem tem, portanto, diante de si (e isso torna a vida digna de ser vivida) um ilimitado campo aberto às suas mais legítimas aspirações, desde o advento duma sociedade mais justa, no seio de uma natureza mais submissa, (aspirações estas terrenas), até à aspiração mais transcendente: a existência dum Deus pessoal, suprema realidade, origem e fim de todas as coisas, soberano compensador de todos os males. Aspiração esta, aliás, inerente às outras, é forma superior como o homem vive a vida. Uma alma superiormente progressiva é uma alma que entra em contacto com o que quer que seja de divino; sente em si uma presença estranha que a eleva, com ela colabora: vago reflexo, «porque não? — desse ansiado Deus...»

A. REIS MACHADO.

INTERÉSSES PORTUGUESES

NA AMÉRICA-DOS-SUL

(Continua)

Antes de lheer concretamente da troca de certos produtos com o Rio Grande, acho útil dar aqui os quadros, tirados da estatística oficial brasileira pelo sr. Carvalho Neves, diligente adido à nossa Embaixada no Rio e a quem já me referi, sobre a troca comercial com o Brasil em 1921 e 22.

Seguem os quadros, que reproduzimos com a devida vénia:

EXPORTAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL — 1921 e 1922

	Tuneladas		Centos brasileiros	
	1921	1922	1921	1922
Vinhos comuns	9.380	13.924	11.449	14.201
Vinhos finos	1.476	1.559	6.092	6.044
Açucar e suco de cana	555	465	1.264	1.306
Froots diversos	406	2.563	1.024	4.058
Socasias e outras peças em couro	729	870	1.817	1.986
Anões	373	1.170	541	1.072
Arroz	—	290	—	1.409
Râbula	230	355	240	1.209
Frutos, nozes, sementes, óleos e óleo-				
frutos, etc.	136	933	200	1.078
Pólos para vegetais	140	50	550	593
Pólos para mesa	121	137	451	558
Especiarias	—	139	—	360
Bananas	23	32	400	326
Florais, partidas, ervas, etc.	—	233	—	310
Alhos	226	251	506	269
Produtos químicos	185	151	407	245
Terracota, ferro em barra, açoite far-				
pada, etc.	93	209	193	254
Brinquedos, utensílios, calçados, etc.	1.244	980	315	140
Desportos, camilhos, círculos, etc.	—	3	—	153
Estofos e canudos	—	28	—	127
Roupas de algodão	17	5	811	119
Indústria e construção	—	1	—	103
Pecuária e outras peças	50	39	144	95
Viagens	—	110	—	36
Café	—	294	—	72
Pratos	—	23	—	34
Condutas	—	21	—	—
Diversas mercadorias	5.022	1.111	3.772	1.204
Total	16.329	23.795	31.250	43.231

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA PARA PORTUGAL — 1921 e 1922

	Tuneladas		Centos brasileiros	
	1921	1922	1921	1922
Algodão	3.257	6.036	2.791	16.819
Acucar	23.129	35.443	13.307	11.855
Cáñamo	1.550	1.003	2.501	6.023
Cafe	492	1.073	613	3.073
Arroz	4.623	2.730	2.992	1.611
Milho	27.478	6.457	5.549	1.473
Farinha de mandioca	4.002	4.267	1.206	1.141
Linho	38	762	125	699
Sementes oleaginosas	22	577	21	364
Madeiras	2.216	1.000	540	263
Bananas	966	58	1.823	109
Mapas	106	194	62	107
Cera de ceraíba	37	—	110	—
Seda	72	—	72	—
Diversas mercadorias	5.088	4.267	3.792	3.538
Total	73.901	50.442	40.000	45.000

NOTA — Números baseados na Estatística Oficial Brasileira. As mercadorias cujas cifras estão em branco são faltas detalhadas em 1921.

Dos quadros organizados pelo sr. Carvalho Neves não deve depreender-se que aumentou a nossa exportação para o Brasil; outras estatísticas nos dizem que ela tem diminuído. O facto novo que esses quadros vêm revelar é que a exportação brasileira para Portugal já excede em peso e em valor a exportação portuguesa para o Brasil, quando ainda não há muitos anos aquela era considerada insignificante.



DR. ALBERTO DE OLIVEIRA

Embaixador diplomata e escritor distinguido, nosso ministro plenipotenciário na Argentina

Mais ou menos, os artigos que avultam na nossa exportação para o Brasil, em geral são os que avultam na exportação para o Rio Grande, sobretudo feita por intermédio das praças do Rio-de-Janeiro. Na exportação riograndense para Portugal sobressaiem os couros, o milho, a farinha de mandioca, o lino e a balsa.

São gerais, por razões de política económica e doutra espécie, as restrições postas no Brasil à importação de várias matérias-primas, artigos manufaturados e gêneros destinados à alimentação. Os esforços que ainda agora se fazem para colocar nas diversas praças brasileiras os nossos vinhos, tanto de pasto como licorosos, encontram resistência séria nesse conjunto de medidas adoptadas principalmente com o fim de proteger a agricultura e indústria nacionais e de dificultar o mais possível a drenagem de ouro para o estrangeiro. No Rio Grande-do-Sul, onde a cultura de vinha e a fabricação de vinho assumem já uma importância muito para considerar, as restrições à importação deste produto são maiores que em qualquer outro Estado do Brasil, obedecendo sempre a um ponto-de-vista francamente protectionista.

Na república Argentina e no Chile quasi só podemos pensar na colocação de vinhos licorosos, tântos e tão bons vinhos de pasto lá se produzem. O vinho riograndense também nos faz concorrência, pelo menos na opção de vários importadores de vinhos portugueses, tanto porque é vendido a um preço inferior ao do nosso, como porque o nível do consumidor, rego geral, desconhece os bons tipos de vinho das diferentes regiões de Portugal que o produzem. O vinho riograndense vende-se assim

à sombra da profecção postal, mas tem para nós um sabor acre e molhado. E por isso necessário, se não quisermos perder os interesses que ainda temos no Rio Grande, com relação a vinhos, intensificar a propaganda das finesse nesses pelo mercado. Refiro-me a vinhos engarratados, de Celares e do Douro, por exemplo.

Em Porto Alegre há quem não veja vantagem numa fiscalização oficial, c.c., sobre a pureza dos géneros a exportar, e opõe que o que se impõe é a defesa, por trânsito, das nossas marcas ou tipos de vinho. No Rio Grande-do-Sul pouco se trabalha em desdobramentos e falsificações. Acontece venderem-se vinhos intitulados finos mais baratos que os de mesa, mas isto porque estes são verdadeiros e os outros de finos só têm o nome.

O que prejudica seriamente a reputação dos nossos vinhos, pelo menos no centro e sul do Brasil, e perturba o comércio directo deste produto entre o Rio Grande e Portugal, são as vergonhosas desdobramentos que se fazem no Rio-de-Janeiro, as quais permitem a remessa, para outros pontos do Brasil, de vinhos a preços inferiores aos de impostação directa. Por isso seria útil a fiscalização que em Portugal se instituisse à saída dos vinhos. Se a fiscalização na venda a retalho daria resultado, na opinião de alguns importadores. E isto é claro que depende exclusivamente de negociações entre os governos. No meu fraco entender, é este um ponto que deve ocupar a atenção dos negociadores do tratado luso-brasileiro.

Sobre vinhos ainda acrescentarei algumas palavras e respeito do nosso Madeira, que logo ler no Rio Grande muitos apreciadores, merece principalmente do trabalho de casa de Porto Alegre, Amaro, Soares & C. Pena é que a produção tenda a diminuir, em benefício de outras culturas, e que os exportadores tão pouco se messem para vender um produto que não tem competidores. O vinho não tem grande consumo no Rio Grande, mas chega lá por um preço suficientemente remunerador, e pesadas elevadas taxas aduaneiras que sobre ele incidem, e porque não encontram concorrentes no mercado, acho que convém fazer propaganda, envio viajantes habilitados.

Ao tempo do meu inquérito realizado no Rio Grande-do-Sul, as conservas portuguesas ocupavam incontestavelmente o primeiro lugar no mercado, quer pela quantidade do artigo consumido, quer pela reputação. Nesta capitulo, tanto a indústria nacional brasileira como a dos outros países, quasi não nos fôrem concorrência. Só uma fábrica portuguesa abastecia o praça de Porto Alegre de 90% de conserva que ela comprava. Isto só findou o ano de 1921.

Neste assunto, como noutras, não devemos descansar. A indústria da conserva no Rio Grande-do-Sul far evidentes progressos, e nós temos de os seguir e acompanhar, se não quisermos ficar para trás. Nas negociações para o tratado de comércio com o Brasil seria muito conveniente tentar obter vantagens que consolidem a nossa posição, tendo em atenção que o Brasil não deixará de querer proteger quanto possível a sua indústria. A pena em vigor para conservas é em geral considerada alta.

Os americanos também nos vão fazendo alguma concorrência com a sua conserva de sardinha, mais barata do que a nossa, e na qual empregam, em vez de azeite, óleo de caroço de algodão. A conserva brasileira igualmente é mais barata, de modo que muito conviria desde já que as indústrias portuguesas estudassem a forma de oferecer o seu produto a um preço um pouco mais baixo. Refiro-me às conservas de peixe e de sardinha, as de maior consumo no Rio Grande. As conservas de frutas, postas lá, chegam caríssimas, por terem de suportar direitos de alfândega quasi prohibitivos. No Rio Grande-do-Sul, realmente, já se trabalha muito bem neste artigo, de maneira a justificar semelhante proteção. Em especial sobre a conserva portuguesa de atum, é necessário salientar que os italiani nos estão batendo, por empregarem azeite de menor grau de acidez. Não se comprehende, pelo menos à primeira vista, porque havemos de nos deixar ficar para trás, quando podemos produzir azeite do melhor.

No Rio Grande-do-Sul só se importa a nossa cortiça manufaturada em rólihas. A pensar disto, tem a nossa indústria, só neste artigo, certo campo a explorar, toda a vez que se acirram as indicações atlânticas exposições. Duma maneira geral, é conhecida a excelência da nossa cortiça, de forma a não necessitar a colocação dela de propaganda especial. Pode-se,



DR. ARTHUR BERNARDES
Presidente da República da União

ofertando, oferecer a rólia por carta, no qual sejam oferecidos informes completos a respeito da qualidade, quantidade de que se dispõe, preços e condições de venda e de pagamento. Igualmente indispensável, nesse processo de episódio, enviar amostras das espécies oferecidas, num diferentes calibres.

A concorrência que teríamos o temor da Espanha em tempos normais, não é agora para recuar, em virtude da alta da peseta, que dificulta seriamente a importação do país vizinho. A cortiça manufaturada que tem maior consumo é a rólia para gorra, nos vários fumários mais comuns. Muitas casas portuguesas vendem f.o.s., sendo preferível vender e.i.t.

Poderia ocupar-me aqui em detalhe de outras exportações portuguesas para o Brasil, como e de palitos, plantas medicinais, de tinturaria, ferreiros, cutelarias, estaleiros e capacias do Porto, roupa de linho e de algodão, objetos de couro e prata, louças e porcelanas, etc., etc., se isso não transformasse o pequeno estudo de conselho oferecido à Alma Nova num verdadeiro relatório, longo como aquelas que a lei obriga a entregar à Chancelaria, tirando-lhe também todo o sentido de propriedade visão, como não descrevemos a maior detalhe relativamente ao estudo dos nossos interesses na república Argentina.

De resto, todos os artigos que não sejam os vinhos, as conservas, a cortiça, os livros (de cujo comércio von agora ocupar-me, para terminar), aparecem na estatística com um valor relativamente pequeno. Os palitos, por exemplo, com pouco mais de metade do valor dos livros e outros papéis impressos.

O comércio de livros portugueses no Rio Grande não encontra hoje outros entraves que não sejam os resultantes da aplicação das nossas próprias medidas, sobretudo pelo que respeita a taxes postais. Também não se vendem mais livros porque melhor propaganda não temos sabido fazer. Livros portugueses de ciência, de arte e de literatura, música, tudo encontra no Rio Grande, como em todo o Brasil, aquele acolhimento cordial que os brasileiros sempre tem sabido dispensar ao que vai da nossa terra. Não é este o lugar para fornecer a explicação de tais factos, de resto sobejamente conhecidos e compreendidos da parte pensante da sociedade portuguesa.

As encomendas de livros são feitas por catálogo ou à vista de prospectos. O nível de educação e de cultura geral no extremo sul do Brasil é mais elevado do que todos supõem aqui, no jardim da Europa. Muitos dos nossos escritores são, sem dúvida, relativamente mais conhecidos e apreciados lá do que em Portugal. Muito enovel, pois, eludir o público brasileiro ácerca das obras diversas que a nossa indústria livreira tem dado à estampa nos últimos anos, enlim, aproveitar o mais possível esse modo de fazer política de aproximação, que consiste em aliciar ao espírito brasileiro o produto melhor da nossa actividade intelectual, por qualquer forma que ele se manifeste.

A colaboração de portugueses nos jornais do Brasil também do mesmo modo é muito apreciada, avendo eu por exemplo em Porto Alegre constantes elogios às crónicas do sr. João Grava para o Correio do Povo daquela cidade. E fiz a solicitude, ao deputado do Rio Grande-do-Sul, de trazer o convite doutro jornal riograndense a escritores portugueses para

que ali colaborem com uma revista quinzenal dos acontecimentos salientes da nossa vida social e artística. Mereceu-se, como era natural, enquanto estive no Brasil, especiais cuidados e intercâmbio de ideias. Mais de um professor de ensino superior de Portugal e do Brasil eu pude em contacto, para o efeito de correspondência e permuta de trabalhos. Mais de uma escola ou estabelecimento une-se recebendo a minha visita, a fim de averiguar do progresso científico de que porventura possamos também aproveitar, assim como todos os artistas portugueses que foram ao Rio Grande durante a minha permanência podem dizer da boa vontade que encontraram da minha parte em os ajudar a alargar os seus infinitos.

Julgo assim ter feito, durante três anos, obra de aproximação luso-americana. Das

minhas primeiras comissões diplomáticas no estrangeiro guardo felizmente a melhor das lembranças, e só peço a Deus que a ocasião continue a deparar-me de colaborar na terra, tão importante e atraente, da defesa dos nossos interesses espalhados lá fora, sobretudo pelo espírito de avelatura dos meus competidores.

Lisboa, Sessões de 1924. J. M. DE BETTENCOURT FERREIRA.



O Rio de Janeiro - Rio-de-Janeiro

Quadro oferecido pelo Brasil ao Dr. Antônio José d'Almeida, quando da sua visita presidencial àquele país.

FIGURAS DO MÊS

CAMÕES não é apenas a mais alta figura literária de que pode orgulhar-se Portugal, mas o verdadeiro símbolo da fé nacionalista que alumia os destinos portugueses.

Pretender evocá-lo é, por isso, quase pode dizer-se, um pleonasmico. Ele deve estar,



LUIΣ DE CAMÕES

Reprodução pertencente à obra editada por Lins das Cunhas.

constantemente, nos nossos pensamentos e nos nossos actos.

Julgamos, porém, ser justos para com a memória angusta do vate e do herói, aproveitando o aniversário da sua morte, para recordar, nos dois artigos que seguem, os méritos e virtudes que o impõem ao nosso culto.

RELENDÔ CAMÕES

Por FIDELINO DE FIGUEIREDO

DESTE alguns anos o dia 19 de Junho é consagrado ao culto de Camões, em todas as escolas portuguesas. Nesse dia a religião oficial encontra um tema suficientemente vago e tolerante para comportar as mais audaciosas imaginações, os mais vastos ligações comuns, empurrando a sensibilidade popular por uma sobreposição cronológica: quem foguetes e luza os descendentes, que antigo resguardava para o dia próximo de Santo António de Lisboa.

Mas para almas de escrúpulo, esse dia em que se apaga a vida mais ardente de patriotismo e emoção lírica que ainda se exprimiu em língua portuguesa, é um pretexto para reler e meditar algumas páginas da epopeia sem par e do literário, que lhe disputa primazias.

Releer é um dos maiores sedutores e fecundos encantos da vida espiritual. Não posso conformar-me com o lacônico de Faguet, que no seu livro engenhoso e penetrante *L'art de lire*, tão pouco fuisse desse superior acto de reflexão. De reflexão lhe chama, porque aquele que refe reflecte de mesmo passo sobre as obras e as culturas, que foram seu alimento espiritual em tempos idos, e sobre o longo percurso da vida feito desde a primeira leitura, quantas vezes leviana e apressada!

Quis lhe pouco que os meus primeiros cabelos brancos medissem aquele violento drama amoroso de Werther, que há um quarto de século me conmoveu as lágrimas. Mas o leitor de hoje, endurecido pela carreira da vida e com uma diferente noção dos valores morais e estéticos, conservou-se frio e limitou-se a admirar o equilíbrio, a graduação sóbria do romance epistolar. E se quis encontrar-lhe mais algum interesse, tive de o considerar no ponto-de-vista histórico-literário. Fui ver o que havia de verdade e de imaginado, quais as fontes de realidade de que se inspirara Goethe. E ao saber, pelas memórias de Kestner, ministro do Hanover em Roma e filho da formosa Carlota, que a narrativa de Goethe fundia dados verdadeiros de paixão realmente experimental pelo poeta com o desfecho de outro fatal caso de amor, ocorrido na pequena cidade de Wetzlar, e em que fora protagonista um arrebatado secretário de embaxada — se a minha emoção literária se limitara, o meu cabelal de informes alargou-se. Mas a simpatia por esse olimpico Goethe não aumentou, tão egista e encontro sempre ate nos próprios amores, quer os juvenis, como com Carlota, quer os servidos, como com Bettina.

Este ano fui reler Camões para procurar o que de solidão e de perdurável contém a sua epopeia que a impedia a veneração fiel daqueles em quem o excesso de leitura possa ter produzido certa limitação de sensibilidade. E sem me consover com as lágrimas de Inês ou as coleras de Adamastor — para mim a maior produção canônica — surpreendi-me com a geral recepividade do espírito de Camões.

O poeta possuía com segurança admirável a cultura do seu tempo, assim a científica como a humanística, a estrangeira como a nacional. O seu poema tem assim resistido às mais penetrantes e inexoráveis análises.

Estudando-se-lhe as fontes, verifica-se a abundância de autores que manusearam, o cuidado com que abonou os seus dizeres num poema que sendo obra de arte não deixava de ser obra histórica, quanto aos materiais com que se tecia; mas também se admirava a metamorfose que tais materiais sofreram ao volver-se nas inspiradas estrofes de poeta.

Foi o ilustre prof. José Maria Rodrigues quem apurou as fontes literárias das *Lusíadas*, servindo-se para a sua busca do método que poderemos chamar estisométrico, que precisará ainda de ser completado por outro que considere não só a linguagem mas a própria contextualização da literatura. Neste aspecto mais visto, as fontes principais das *Lusíadas*, que são uma epopeia clássica, serão os modelos de antiguidade; mas mais restritamente, quanto a formas e aos materiais históricos, as suas fontes são: o arqueólogo André de Resende, poeta latizante criador da palavra «Lusíadas», no sentido de filho de Luso, fundador da Lusitânia, ou portugueses, ao qual Resende foi Camões buscar ainda as notícias que da sibéria à volta Lusitânia, os cronistas Duarte Galvão, responsável por algumas erratas históricas do poema, Fernão Lopes, Rui de Pina, Bartolomeu de Brito, Lopes de Castanheda e João de Barros, dos quais tomou toda a tecitura histórica; o poeta António Ferreira, a quem deve por muito, e o novelista Francisco de Moraes, dos quais recebeu modos de dizer que aperfeiçoou.

Dos estrangeiros, além dos epicos clássicos, foram Petrarcha, Boecio, Ariosto e Marco Antonio Sabellico os de maior contribuição.

Humboldt salientou a veracidade das suas descrições naturais e o Conde de Ficalho, botânico de profissão, reconheceu como eram seguros os seus conhecimentos da flora tropical, de que enumera dezenas de espécies caracterizadas com justeza e soberba elegância.

Só claudicou quanto a geografia botânica, ao localizar a Ilha das Amoras nos mares do oriente, povoando-a de plantas mediterrâneas, as que o poeta já observara demoradamente na sua pátria e viria idealizadas nas bacanicas dos clássicos. Mas fiz-lo propriamente, porque a ideia de edénico lugar de delícias, que queria oferecer aos descoloridores portugueses, só a compreendia o seu espírito quando colorida e adornada como um recanto da Pátria estremecida. Fazer o contrário seria sacrificar ao exotismo a tranquilidade de encontro das felizes marinharias.

Ainda que menor que a sua flora, a fauna das *Lusíadas* é também variada e exata.

O poema regista quarenta-e-quatro espécies; ou para se abonar nas suas mais ousadas imagens quando descreve a bravura indomita dos portugueses, ou para caracterizar as longínquas paragens, por onde navegavam os marinheiros de Vasco da Gama.

E se a sangueussa é para o poeta inexplicavelmente rixa, está hoje apurado ter havido focos ou lobos marinhos no Mar tempestuoso antes das navegações portuguesas — como ele diz. E interpreta-se a moleza do círculo sob a águia e o seu endurecimento fora dela — de que o poeta fala — pelas ideias do tempo, que mal explicavam o facto de se desfizerem os seus tecidos superficiais e persistir a armadura interna.

Estudaram a fauna das *Lusíadas*, os zoólogos José Sequeira e Baltasar Osório em memórias bem estimadas dos camionistas.

Do saber geográfico atestou Borges de Figueiredo, que desenhava a *Carta Geographica das Lusíadas* e mostrou a segurança e vastidão de notícias, que Camões possuía, quer acerca do mundo mitológico e a sua provável equivalência real, quer das conceções geográficas dos antigos e das aquisições trazidas pelos descobrimentos da Renascença. Não só identificou os lugares, mas soube definilos por uma característica predominante, de etnografia ou economia.

Maior ainda foi o seu saber, ou mais demoradamente buscou ostentá-lo, em matérias astronómicas.

O capitulo das *Lusíadas* é a descrição da máquina do mundo, segundo o Sistema de Ptolomeu. Copérnico já desde 1513 opunha a velha hipótese e seu heliocentrismo, nos velhos tempos entrevistado por Ariostarco, mas esta concepção era ainda ao tempo de Camões uma novidade discutível, a que não se renderia o próprio Pedro Nunes, cosmógrafo-mor do reino e professor da Universidade de Coimbra.

Ptolomeu, o Almagesto dos árabes, a *Margarita Philosophica* de Reisch e o *Tratado da Esfera*, de Pedro Nunes, terão sido as fontes essenciais do saber astronómico de Camões. As suas noções dessa ciéncia analisadas pelo prof. Luciano Pereira da Silva, foram por este autorizado especialista tidas como surpreendentemente exactas, ao ponto de valorizarem aquele canto das *Lusíadas* como modelo para de poesia didáctica.

A descrição da máquina do mundo, feita pela deusa Thetis, a contagem do tempo pelas lâminas e pelos signos do zodíaco, a nomenclatura complicada da teoria platonica — os excentricos, deferentes, epícicles, empírios, anges e equantes — tudo ali aparece num grande relvado de arte, magicamente volvidos em simples poesia, duma atraente expressão. Também a prioridade portuguesa do descobrimento da constelação do Cruzeiro do Sul, um momento atribuído a Dante, o poeta régio. E este ponto-de-vista do prof. Pereira da Silva foi logo confirmado pelo prof. Mieli, da pátria de Dante.

Todas estas coisas eu pensei e gozei mentalmente, relendo Camões para lhe dar no seu dia o obolo do meu espírito.

Mas, ao fechar o poema, rodeava-me toda uma biblioteca camionista. Então pensei que, se agora releria melhor, só interessaria a inteligência; mas as obras como os *Lusíadas* devem ler-se também com o coração, no alvor das suas canduras juvenis, alerta a todos os impulsos generosos, pronto a receber da arte os seus ferfeis urubus. E acabei por me contrariar: como o príncipe amar, a primeira leitura dum grande poeta revela tesouros fecundíssimos e inováveis...

(Do livro: «Terra de Babete»).

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

* * CAMÕES * *

E A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

A 10 de Junho de 1580, Camões expira em Lisboa, quase abandonado, pobre e só, tendo tido a fortuna de não assistir ao desmembramento da sua Pátria.

Perdido D. Sebastião nas plagas africanas, esquecidas, já de todo, as palavras patrióticas de Phœbus Moniz, nas memoráveis cortes de Almeirim, morto o Cardeal D. Henrique, mal sucedido o gesto nobre do Prior do Crato no combate de Alcântara, de 25 de Agosto de 1580, Portugal cai nas garras do velho leão de Castela.

Como um grito de remorso, e um pregão de revolta lançado às gerações futuras, que tão pacífica- e cobardemente receberam o domínio espanhol, Camões deixa, aqui e além, nos *Lusíadas*, seu único tesouro, palavras de incitamento, a favor do Portugal velho e desorganizado, que ele tanto amara.

«O que são os *Lusíadas*?»

O Padrão mais imorredouro das nossas glórias; o Livro de Ouro da nossa literatura.

E, em minha opinião, aos *Lusíadas* que os portugueses devem, em grande parte, o feito nobre e arrojado do dia 1 de Dezembro de 1640.

«Acaso seria possível a Restauração de Portugal, se, dentre a baixeza em que então se vivia, nós os portugueses não tivéssemos, para nos embalar e para nos amparar, os *Lusíadas*, quando nos dizem:

Como? da gente ilustre portuguesa
Ha de haver quem resuse o patrício Marte?
Como? desta província, que príncesa
Foi das gentes na guerra em todas a parte,
Ha de sair quem nesse ter defesa?
Quem negue a Fé, o amor, o estínguo e arte
De portugues? e por nenhum respeito
O próprio reino queria ver sujeito?

Como? não spis vósinda os descendentes
Das quales, que deixais da herdeira
Da grande Henrique, ferma e valentes,
Venceram esta gente tão guerrista?

Poderia ser bem sucedido esse acto de desespero, quase que milagroso, se os quarenta fidalgos capita-

neados por João Pinto Ribeiro, almas do antigo português, rijo e audaz, de «antes quebrar que forcez», não acreditassesem que ainda mais uma vez seria realizável o que Camões houvera dito:

Cesse tudo quanto a antiga macta conta,
Que outro valor mais alto se alexanta?

Creio que Portugal, nessa gloriosa manhã, se não libertaria do jugo da Espanha, se, junto a todos os factores que determinaram a Restauração, ele não possuisse as páginas brilhantes da sua História e se estas não tivessem sido cantadas nos versos heróicos do grande Vate, os quais tão cruelmente nos mostram a grandeza passada

... da gente ousada mais que quantas
no mundo cometem grandes coisas,
ofuscada e ultrajada pela decadência de então.

Penso, que, se não tivessem existido os *Lusíadas*, a Restauração de Portugal se não daria, ou, pelo menos, tão cedo, pois só os exemplos nobres obrigam.

*

Mais de quatro séculos são passados após a tua morte, ó divino Camões, e o teu nome e incitamento ainda são venerados com carinho e amor, com saudade e respeito; e sé-lo-hão sempre, nestas Ocidental praia Lusitana, enquanto nela existir a Pátria de Viriato, dos Gamás, dos Albuquerques, dos Cahrais, dos Castros e de toda essa pléiade de heróis que a tua história aponta,

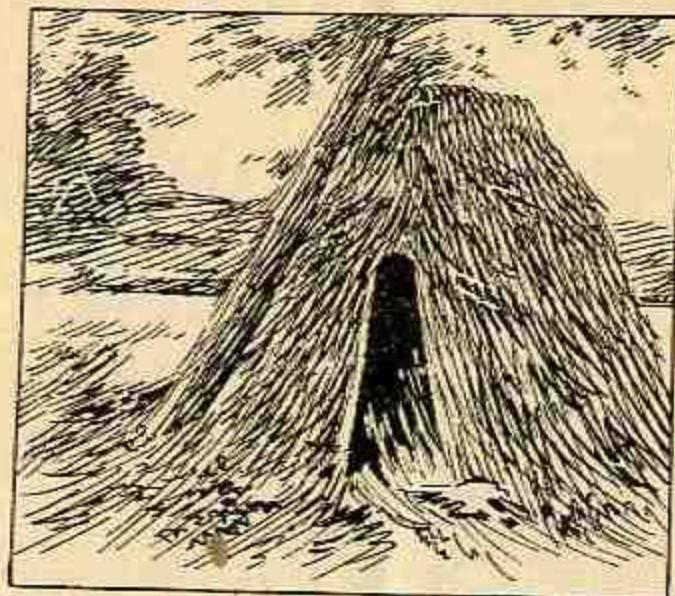
... à tua pátria minha amada!

Mas ainda que os *Lusíadas* não tivessem contribuído para incutir aos portugueses de 1640 a Fé, o ardor e a Esperança que os levaria à vitória, eles fizeram com que Portugal fosse conhecido, amado e respeitado universalmente e colocaram Camões, o poeta soldado, a par de Dante, Tasso, Milton, Virgílio e Homero.

(nédito).

NUNO CATHARINO CARDOSO.

::: ETNOGRAFIA ARTÍSTICA :::



CABANAS DO ALTO-ALENTEJO

«No molle colau, no grossoiro abrigo,
Converteas as fadigas dos pastores
Em doce languidão e sonno amiga.»

Bocage, *Odes Pötticas*, 1810, II, 220.

LO GO depois do Barreiro, aos lados da via férrea, vêem-se na campina extensa *cabanões* de palhagem e canço. Pardacentas a princípio, na paisagem secunda de água e verdura, vão depois confundir-se mais adiante com a côr seca do chão morto, quando as searas desapareceram já.

Notam-se ao canto de um hortejo, — à beira de uma vinha, — arrumadas a uma braçada de casas chãs, mui brancas, — ou num desamparo a pleno sol, ocolhendo-se, quando o podem, à sombra protectora de eucaliptos, que da terra baixa são mais altos e sobem para Deus a pedir água.

Servem de abrigos e de vivendas e uso agrícola e pastoral. No Alto-Alentejo, de sol ardente, cultura activa, e grande pascigo, de escassa pedra, estas *cabanões* surgem de toda a parte. O arvoredo rico, as searas infinitas com a dâdiva de palha bemfeitora, o maio de piorao e estrelas olorosas, as lagoas hibernais, que se somem de verão, e fornecem com os ribeiros a palha-carga, afiada como guumes, o boinho e o junco, tudo concorre a dar a matéria-prima da construção de *cabanões* leves e duradouras.

No fase interglaciária do paleolítico inferior, a temperatura permitia que o homem do Chellense instalasse a *cabana* de colmo em pleno ar, à margem dos rios⁽¹⁾. Mas no período paleolítico médio, uma fase glaciária, o homem do Monstierense teve de se refugiar nas cavernas e abrigos naturais, contra o frio e a humidade.

Aí ficam os *frogloditas* até o fim da idade quaternária do pleistoceno. Depois, no período neolítico e na idade do bronze, as tribus edificaram nos vales, nos planaltos, e nas águas dos lagos, verdadeiras aldeias⁽²⁾ de *cabanões*, feitas

de troncos, de árvores, ramos, palhas⁽³⁾ e lecto de colmo, tudo calafeteado com barro amassado ou terra⁽⁴⁾.

As mais antigas habitações dos aldeões de Roma eram de madeira [Vitruvio, IV, 6, 1], e a forma conhece-se pelas urnas funerárias de Albano, com tecto de colmo, de duos [*tectum pectenatum*] ou de quatro vertentes [*tect. testudinatum*]⁽⁵⁾.

A *cabana* do cultivador da Grécia e de Roma (*Tugurium*) foi o ponto de partida para a grande construção; as populações antigas eslicheram por muito tempo entre guerras à vida rural; e depois, nas cidades, tomou-se o tipo de *cabana* campestre de lecto de colmo, que mais tarde se adaptou às novas necessidades e condições da vida. A forma era rectangular; as primitivas tinham tecto cônico de colmo, e eram feitas de ramagens e argila⁽⁶⁾.

A *cabana* de Rômulo no Capitólio era, segundo Vitruvio (II, 1), coberto de colmo (*sculmen*). Das da Gália, fala César (*De Bello Gallico*, V, 45, 1). Da Germânia, Tácito (*Germania*, I, 6). Na Lusitanía o costume foi idêntico⁽⁷⁾; nas estações neolíticas encontram-se pedaços de barro com sulcos da curiçada das paredes e lecto.

(1) Os Vedas de Ceilão fazem as *cabanões* com troncos e casca de árvores; os Hohenlohes, no S. de África, com páus e esteiras; os Esquimós com troncos de árvores reunidas ou de madeira; e são os chincheiros de palha no Congo; as *cabanões* cónicas de troncos e folhas de jaca, dos "ranchitos", dos "piões", do Rio Branco da Norte, no México; os Beduínos de África e da Arábia usam *cabanões* de madeira ou de canas; há casas de bambu e barro, na Índia, ricamente decoradas nos Malás, do vale do Ganges; em Yeddo (Mionemata) no Japão, há *cabanões* cobertos de colmo com uma parte mais alta, coberta de terra, onde se sentiam lindos animais.

(2) Ed. Clodd, *História resumida do homem primitivo*, trad. de Leitura Boletim, 1905, p. 158, 159. *A Guide to the antiqu. of the Stone Age*, do Brit. Museum, p. 75, fig. 82. Reconstrução de uma aldeia lacustre, pré-hist., no Musée Nat. Suisse de Zuric; A. Schenk, *La Suisse préhistorique*, Lausanne 1912, no princípio.

(3) Merigondt, *La vie privée des Romains*, I, 233-34.

(4) Vitruvio, *De Archit.*, II, 1, 3 e 5.

(5) Vitruvio, id., II, 1, 34.

(6) Déchelette, *Manuel d'archéologie préhistorique*, I, 91.
(7) id., 91-92.

Quando a pedra entrou na construção, continuaram a empregar-se os tectos de cálmo. Era a cobertura das casas dos nossos castros. Como nas casas da época minoica de Creta, associar-se-ia, por vezes, a madeira com a pedra; por exemplo, a pedra nas planos terreos, e a madeira para cima (¹).

Os povos selváticos de hoje usam ainda cabanas de ramos e cálmo, como construção normal (²). E em toda a Europa é corrente a sua aplicação em aldeamentos, ou isoladamente (³).

Na Camargue (Provence), as cabanas, onde habitam os guardas dos rebanhos, são de madeira e cálmo, mas a fachada ao sul é de alvenaria para resistir ao mistral (⁴).

Em Portugal temos destas edificações rudes, mais ou menos parecidas com as primitivas cabanas, nos palheiros sobre estacaria, no litoral, e entre elas na praia de Covadonga (Figueira-da-Foz), como nas cidades lacustres (⁵), em casas de taipa (Lobrigos, Fontes, etc.), nos cólmos de Borroso (⁶), nas cabanas agrícolas e pastoris de todo Portugal, mas sobretudo no Alentejo.

E' pois larga a genealogia.

Partindo do mais simples para o mais complexo, as cabanas do Alto-Alentejo são de três tipos:

1.º — de quadros móveis, transportáveis;

2.º — de ramaria leve e de palha, em forma de guarita;

3.º — de construção mais completa, com ramaria pesada, camadas sobrepostas de colmado, e em forma de casa, rectangular por via de regra.

O 1.º tipo corresponde à barraca dos caçadores nómadas. De uma extrema simplicidade, o pastor, a quem estas cabanas servem, leva-as consigo, conforme o rebanho muda de poiso. Chama-se *cancela* ou *grade*. Forma-a um quadro de malo e palha, que se enche de ramagem; é rectangular; por um dos lados maiores firma-se no chão, e o quadro fica bem inclinado, apoiando-se o outro lado maior em dois espeques, um a cada ângulo; o pastor deita-se-lhe debaixo. A frente fica desabrigada, e os lados são tapados com dois quadros, menores, que se encostam nos topo do outro, e se chamam *cancelins* ou *espelhos*. O pastor vira a *cancela* contra o vento. A este tipo se deve de referir o pastor da *Égloga Basta* de Sá de Miranda, quando diz:

Vés tu minha cabana?
Se o tempo mude, ass:
A mudo eu (⁷).

Cancela ou *cancelins* são do mesmo material: ramos do esqueleto (*paus*) e a palha ou esteiva, piorno, etc., que formam o *tapião*.

Ao 2.º tipo de cabanas, pertencem as cochas (metélesc de choças). Tem a configuração de guarita cónica. A armação de suporte é feita de paus, cobertos de *tapião*. Em cima, o *tapião* cruza e passa de um para outro lado, de sorte que o topo fica boleado; outras vezes remata em bico; e ainda se vê também a palha sobejar no alto, e enrolar-se, apertar-se, torcicolar-se, como um pitâsio. São as cabanas dos guardas do gado com pouso certo e fixo, e das lavouras. Nas vinhas, pomares, meloais, elas têm por vezes escudos ou miradouros para o guarda espreitar,

a que chamam *óculos*; estas cochas dos guardas de vinhas e meloais também vulgarmente se designam por *esperas*. Os *garadeiros*, que se acolhem à *cocha*, são os *porqueiros* que devem de ficar ao pé da *malaia*, ou ovelheiros que voltam com o rebanho ao redil fixo. Em geral a *cocha* tem entrada livre, raramente é servida de porta. E' a casula dos Romanos (⁸).

Às vezes as cochas tem formam alongada, o que se dá com certas circunstâncias, como na de se arrimar fortemente a uma azinheira. Sai então um ramo grosso, apoiado no verticilo de duas pernas, e vai assentear numa forquilha; o *tapião* cobre a armação de um a outro lado dessa trave mestra; nessa *cocha*, o pastor deita-se em moça formada de um rectângulo de quatro paus, recheado de palha, onde põe o *fato*. Perto, sob uma azinheira larga, está o curral, redil de lenha com uma cancela, onde a vara de porcos passa a noite, abrigada da *morezia*. Fica uma *pocilga* desse arranjo nas terras do Lavrador das Correias, junto da Serra da Jordana, em Santa Vitória do Ameixial (Extremoz).

No 3.º tipo de cabanas estão as que tomam o feito de casas. Estas servem para moradia, estâbulos, ou arrecadação da alfarria agrícola e produtos de cultura. Tem a designação genérica de cabanas, e são as cabanas propriamente ditas, por servirem de habitação permanente, ou uso constante e contínuo, enquanto as outras espécies são de uso restrito para guarda e vigilância, não permanente. Os tectos são de dois planos: 1.º — assentam sobre estacas; 2.º — ou sobre madeiramento horizontal e este sobre estacas; 3.º — ou sobre madeiramento completo de alto abaixo, fechadas de fianco, ou de paus e *tapião* por paredes. São abertos nos lopes, ou fechado um deles, ou ambos fechados e então com uma porta. A esta aplica-se por vezes à frente uma espécie de alpendre de malo e palho, que vai apoiar-se em dois esteiros.

Também se vê comunicarem pelos *trezes* com outra cabana menor, encostada a ela, o que sucede se a primeira é de habitação e a segunda de curral, donde os donos levam com facilidade a *travia* aos suínos.

Estas cabanas, quando servem de estábulo, albergam o *gado-de-carro*, tanto as béstias (cavalos e muares) como os bois. Pelos *redis* fixos e pelos *bardos*, anda o gado miúdo, o adulto e a criação.

Há um outro abrigo temporário, de folhagem, para o Verão, a uso de homens e animais da lavoura. São os *sambulachos*. É um caixilho rectangular de paus, suportado pelos cantos por estacas a prumo com bifurcação na ponta; esse caixilho é cheio de ramagem de *chaupo*; dos lados o abrigo é aberto. Nelle se acolhem de Verão os trabalhadores na hora da sessa, e outros se fazem para os animais que andam na *fazenda*.

Todas estas cabanas são fixas, excepto a *cancela* ou *grade*. Mas há uma outra espécie armada num carro, ou num estrado com rodas. É de madeira ou de metal, e serve aos pastores que mudam constantemente de lugar. São os *sôchos* (⁹).

O *tapião* das cabanas é de palha-centeio e malo (palha-carga, esteiva, junco, buinho, piorno). Forma camadas sobrepostas, e nas cabanas grandes é ainda apertado com lasquias ou varas pregadas.

As *almearas* (médias) de palha, conforme ela se lhes vai licando, esburacam-se e ficam como cabana que dà perigosa acolhida, por serem frequentes os desmoronamentos

(Des. de Sá e Costa Machado).

LUIS CHAVES.

(¹) Ang. Mossa, *Le Origini della civiltà mediterranea*, II, 281.
(²) Cabanas da Nova Gama: Mat. IV, 53. Hoernes *Die Urgeschichte der Menschen*, 127, 131, etc.

(³) Ver *Ostdeutsche Haustypen*, in *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. XLIV, ns. 377, 380, 384, etc.

(⁴) Dolinowicz, *L'art rustique français*, — *l'art portugais*, cap. VI.

(⁵) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, I, 59.

(⁶) Recha Petoto, *A Casa Portuguesa*, nos *Séries*, 2.ª série, vol. I, 1905, p. 106 e ss.

(⁷) Poëssas, ed. de D. Carolina Michellis de Vasconcelos, p. 180.

(⁸) Plínio, *Naturalis Historia*, XXXV, 57.

(⁹) O *sôcho*, móvel como é, corresponde aos *mapalia* romanos, como as cabanas fixas de habitação, aos *magalia*. Vergilius, *Aeneida*, I, 421.

TENDÊNCIAS DA NOSSA LITERATURA

■ FIDELINO DE FIGUEIREDO ■

O nosso camarada de redacção e ilustre professor efectivo dos liceus, dr. José Guerreiro Murta, — escritor a quem o ensino da língua deve já algumas contribuições muito apreciáveis — vai publicar dentro de breves meses um novo livro da sua especialidade, que muito deverá interessar, pelo objecto que visa e pela maneira sugestiva como está escrito, não só aos estudantes de todas as escolas, mas a todos os intelectuais portugueses, propriamente.



DR. FIDÉLINO DE FIGUEIREDO

Desejando a ALMA NOVA fixar, a propósito da saída do último volume de Fidélino de Figueiredo — «Torre de Babel» —, algumas características da nova fase literária d'este escritor, achámos curioso transcrever do referido livro do Dr. Guerreiro Murta dois passos em que são analizadas as actuais tendências da nossa literatura e apreciadas as qualidades e os defeitos de alguns dos principais vultos das letras contemporâneas, inclusivé o homenageado. Segue a transcrição:

Se percebermos com um certo olhar as obras das outras tendências mais avançadas, notaremos que difere de nós grande tendência histórica, que não é de modo nenhuma regresso ao costume histórico da Romântica.

Conde de Salazar, que tal poeta e romântico, deixou a sua representação literária esse objecto abstrato.

Conselho Artur de Figueiredo, por suas razões contemporâneas de classe, ainda de pouco avanço de linhas e figura histórica do Dr. Sebastião, deixou quando escreveu livros de Viegas, e, principalmente, quando iniciou o seu romance «António Patriota», com o Dr. e Dr. e Freire, uma interpretação do historiador.

Júlio de Carvalho empregou nomenclatura social, com os Pintados, mas agora arrependeu-se e seu «Pintado» não terá exemplo.

Depois de Mendes, recorrendo narrativa dispersa; Egas Moniz, com «As Juntas»; Eduardo Nogueira e Ribeiro Barreto, com os seus imponentes romances; Sá da Bandeira com os seus «Tropas presentes» e «Cobras» depois da decadência; Lopes Vazquez, com o seu «Jornal de Coimbra» e «Um Diário», deixaram completamente para trás o perfeito desenho literário.

Machado fêz principialmente por nomenclatura histórica, «Torre de Babel», e o seu amor da história da sua pátria fez a perdida que haja a sua parte, só ao grande como o «Príncipe» (história da Constituição do Brasil).

Herculano Bresser com o «Centro», «Deserto» e «Bassococho», e José Brandão com o «Santo». Freire, aliando duas paixões da história.

Os teatro-também se vi a mesma tendência literária, no maior parte das suas existências dramáticas. Sá da Bandeira, Rui Chaves, Couto, Vercellos e Lobo de Oliveira, são exemplos.

Um artista com tendências d'outro lado, que não acompanha a evolução espiritualista das nossas idas e que continua pôr nos romances do ultimo tempo, — Agostinho Oliveira.

Júlio Dinis, poeta e romancista muito evidente do palácio, principalmente quando subiu a cimeira do Jardim Botânico, não acompanha bem os novos tempos, seguindo as correntes morais desinteressadas e moralmente espirituais, como Blasius Borges.

Este anti-espiritualismo, que afastava a literatura portuguesa da gente e do verso, deixou-nos veras frases rigorosamente oradoras — estas ditas da

igreja católica, como os «Aventuras de Figueiredo» (esse Sacerdote do desporto); outras mais sárias em volta, como em Manoel Ribeiro e nas «Confissões de Figueiredo». Fazem outra forma literária, adjacente ao catolicismo rom., ao Brasil, por influência de Lacerda e de Freire, uma expressão muito feita em jovens escritores. Assim vemos no seu «Diário de Aldeia Atlântica», Wright de Jackson de Figueiredo, Paixão Gomes e António Soares, que são rigorosas católicas, esse outro catolicismo mais secular, assim bem representado por Nuno Vitor Gouveia de Melo, Estrela que Freire, etc.; Tasso da Silveira, com a forte religiosidade de Freire; Ramalho Ortigão; Ramalho Prata, com a romântica Igreja do Fado, e António Malhoa, este o «sacerdote Católico».

Fidélino de Figueiredo conseguiu por fazer críticas objetivas de inúmeras questões passadas científicas (ver «Obras Literárias entre História e Ciência») e de suas tendências a história, a ciência das nossas velhas literaturas de 1800 a 1900 (do inicio da teoria Vicentina até à morte de Era de Quincas). Ele nunca desentendeu que estava tendendo a seu progresso a procurar justificativa em Goethe e «Obras Literárias». E logo, apesar da crítica História, narrativa e jardim, deixou permanentemente talvez a linguagem da sua sensibilidade e a proposta de outras alianças e de escape de cultura, capaz de que lhe val um progresso espiritual («Obras Literárias» e «Torre de Babel»).

A sua prova perdeu a experiência didática e a alegria geométrica, ganhando norte um encanto e humor. Nas suas escritas de hoje vêem-se latentes de animos eternos, para Fidélino de Figueiredo o progresso para um «espiritualismo espiritualizado».

«O deixa de ser «sacerdote Católico» das infinitas práticas que o seu espírito tem exercitado».

«Sacerdote com a sua ordem distóica, abstracta e clássica; Frei-côco com a sua religião monástica, o Mônaco; e, por fim, com o seu gosto da vida literária em número de solícitos de problemas filosóficos e literários respetuosamente a Paulista; Frei com o seu espiritualismo laico;

Disso dia eu entendo mais uns versos espirituais da Espanha e da Andaluzia Espanhola.»

JOSÉ GUERREIRO MURTA.



NOTAS DE BANCA

I

BEM verdadeiro é aquele aforismo: «Errare humanum est».

Ou, em bom português: «No melhor pano cai uma nódoa».

Se não note-se o que sucede com alguns homens que estão acima da vulgar humanidade, alguns escritores, nacionais e estrangeiros, em enjas obras com os meus vagares e ao sabor das minhas horas de leitura tenho respigado curiosos deslizes, esquecimentos, ignorâncias ou lapsos, que de tudo há amostras no que tenho apontado e de que segue uma amostra:

Eça de Queirós. — *Ecos de Paris*, pág. 74. — «Havia cem cavaleiros, eram cem ferraduras polpidas.»

Idem. — *Os Malas*, pág. 355. — «Era já dia claro; quando o senhor, ainda vestido de moiro, se fechou no quarto com a senhora.» E 14 linhas adiante: «Depois lá ficaram toda a noite, e pela manhã parece que estavam muito amiginhos.»

Camilo Castelo Branco. — *O Sangue*, pág. 38 (2.ª edição). — «Um fazendeiro proprietário de roças de caçau... no Para.» Pág. 208. — «Dez meses de gestação humana.» Pág. 246. — «Desfazia e refazia as articularações em ginástica.»

Idem. — *Anos de prosa*, pág. 139 (2.ª edição). — «Azedos como malagueta.» Pág. 70. — Acompanharam os reis da primeira dinastia às conquistas do resto da Lusitânia e d'álemar.» Pág. 231. — «Um personagem (José Francisco Andradeus) que, através de todo o romance, passa a vida em *indigestões e tormentas de delas*, e que por fim «arriou das suas frequentes dispepsias.»

Idem. — *Scenas da Foz*, pág. ... (... edição). — «A minha angústia era vaga e misteriosa como a da calabresa e a do calhandro, e de toda a variedade de animais que tem bico ou barbatanas ou tromba ou lábios, ou qualquer orifício respiratório por onde possam suspirar e gemer.»

Soares de Passos. — Poesia *O Escravo*:

«Eu era livre sem meta
Como as ondas lá no mar:
Era livre como a selvagem
Quando sibila no ar....»

Fialho de Almeida. — *Actores e Autores*. — «A Duse na *Dama das Camélias*: «... tudo isto sugere a lenda longínqua da lisicasinha que todos tivemos, irmã, cunhadinha, viúva, mulher, filha ou parenta.»

Agora dos estrangeiros:

Boileau. — *Satire X*:

«L'honneur est comme une ile escarpée et sans bord.
On n'y peut plus rentrer dès qu'on en est dehors.»

Gustave Flaubert. — *Madame Bovary*. — «Renault deu a Carlos, como pagamento da perna curada, setenta e cinco francos em moedas de dois francos.»

Alfonse Daudet. — *Tartarin de Tarascon*. — «Quatro mil árabes corriam atrás do camelo, descalços, gesticulando, ri-

do como loucos e fazendo luzir ao sol os seus *seiscenos mil dentes*.» (*Feitas as contas, temos 150 dentes por cabeça, o que é muito para um homem só...*)

Stendhal (Henri Beyle). — *Le Philtre*. — «Tenho trinta anos mais do que tu, minha cara Leonor: contas apenas dezenove e eu cincuenta e nove.»

Emile Pouillon. — *Petites âmes*. — «O honesto ego lançou um olhar melancólico a uma garrafa vazia.»

Charles Mérouvel. — *Jeanne Fapelle*. — «Aquela mulher tinha uma cintura tão fina e flexível que uma mão de homem a poderia encerrar entre os seus dez dedos.»

Idem. — *Amour, Millions & C.º*. — «A verdadeira maravilha era ela com o seu admirável pescoço com que Milo, o artista cujo renome ultrapassou os séculos, teria dado um «pendant» à sua imortal estátua.» (Quando é certo que Milo, como é geralmente sabido, é o nome... dumha ilha).

Albert Blanquet. — *Le pare aux cerfs*. — «Poucos momentos depois, um carro transportava-nos ao trote de dois bons cavalos lancados a galope.»

Balzac. — *Cousin Pons*. — Aludindo a um leque: «Era uma obra prima que Luís XV encomendara a Watteau para Madame de Pompadour.» (Watteau, como se sabe, morreu em 1721, justamente o ano em que nasceu Antonietta Poisson, depois Marquesa da Pompadour).

Idem. — *Consine Bette*. — «Um comissário da polícia que responde silenciosamente: «Ela não é cega!».

Idem. — *La Muse du Département*. — «Uma criada, depois de ter vendido os olhos a uma pessoa, faz-lhe esta extraordinária recomendação: — Esteja atenta! Não perca de vista nenhum dos meus sinalés!»

Champfleury. — *Pasquette*. — «... uma pobre viúva que tinha apenas um filho único.»

Vitor Hugo. — *Miseráveis*. — «Que idade tens tu? Dezenove anos. E três páginas adiante, referindo-se à mesma pessoa: — Criança que ainda há vinte anos mamava!»

Alexandre Dumas. — *O Color da Rainha*. — «Ah! Ah! disse D. Manuel em português.»

JOSÉ BRANDÃO.

OS NOSSOS ARTISTAS



VÉNUS MODERNA
Por JOÃO JOSÉ GOMES

JOÃO JOSÉ GOMES É UM ARTISTA MOÇO DE REAL TALENTO E DEUUA EXTRAORDINARIA FORÇA DE VONTADE, QUE DEVERIA FAZER VIVER SEU DEVERE IMPOR COISA UM DOS NOSSOS MAIS BRILHANTES ESCULTORES. "VÉNUS MODERNA", EXPOSTA O ANO PASSADO, É UM ESTUDO DE FIGURA MUITO CURVOSO E JÁ RASTANTE REVELADOR DE BOA TÉCNICA E DE INDIVIDUALISMO.

ALGARVE INTELECTUAL



JOÃO LÚCIO

João de Deus e João Lúcio são para o Algarve dois símbolos: um — o Amor; o outro — a Poesia. Ambos completam-se. João Lúcio, mais preso à região, mais objetivo. — Artista — deve, porém, ser considerado o verdadeiro canto do Algarve. Nas suas rimas de círculo, é Juncárico; perpassa toda a naisagem e todo o alma algarvia. «... nenhum como João Lúcio, se distinguiu como artista da sua pátria pequena e cantor da Região», disse num discurso o sr. Agostinho de Campos. É certo. «De olhos livres no céu, o Poeta, cantou a sua terra. Cantou, amou, e morreu. E agora, assim como nós todos, Portugueses, encontramo-nos Lusitanos o mais alto e ilustre reflexo da nossa consciência de nação, assim o Algarve descobriu nos versos deste Poeta a expressão da sua individualidade regional». A brisa provincial do sul, ergendo uma estatua a João Lúcio, na terra da sua naturalidade, deu às demais províncias portuguesas um formidável exemplo de regionalismo cívico.

ALGARVE TÍPICO



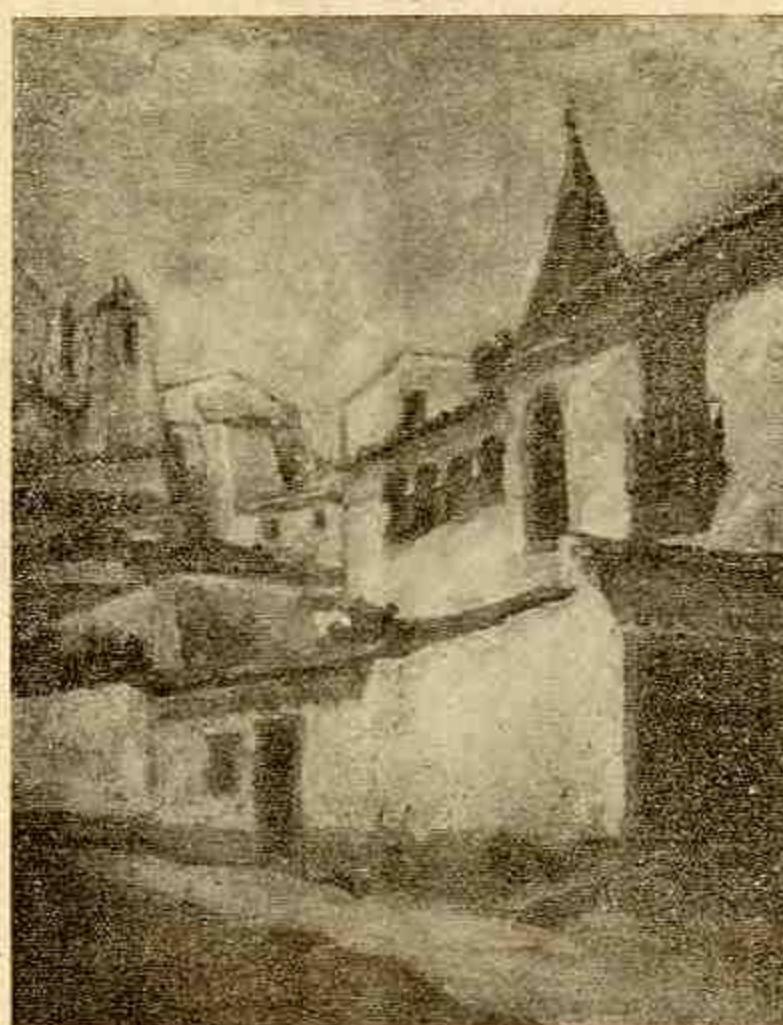
A característica vila de Olhão,
terra natal de João Lúcio, onde
acaba de ser-lhe erigido um
monumento.

PROVÍNCIA onde nasci, amada do Luar
E do sol ruídoso, ardente, imorredoiro...
Lírio fresco e azul deitado à beira-mar,
Com o cálix gentil a orvalhar-se em ouro...

Nesse canto imortal de todo o Universo,
De florestas, de sóis, mares e cordilheiras.
Tu és, únicamente, um perfumado verso,
Feito em luar dormente, azul e laranjeiras.

Lindo verso, porém, dessa lira suprema,
Com hinos triunfais, auoreais, secundos,
Que abrange a Vida toda e faz o seu poema.
Rimando montes, céus, oceanos e mundos.

ÉVORA MONUMENTAL

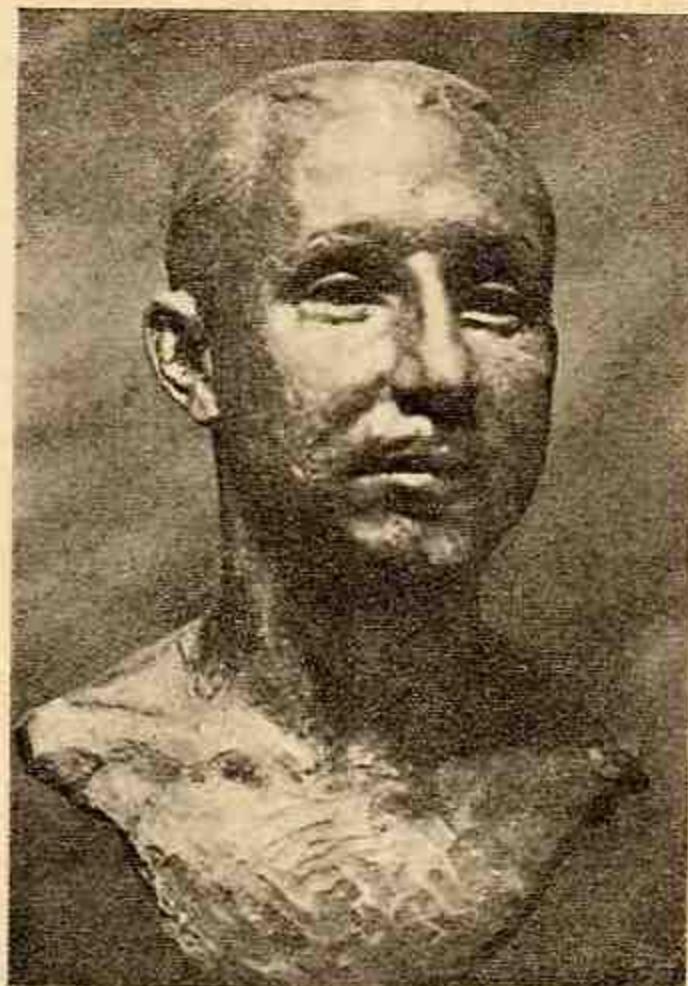


ÉVORA ANTIGA

POR ALBERTINO GUIMARÃES

Évora seria, efectivamente, a Meca dos portugueses — e não me recordo agora de quem o afirmou — se conservasse inalterável o cunho integral de outras épocas, toda ela renda de pedra, com história em cada bloco, com um capítulo de grandezas em cada ogiva, os suas lentes em cada capitel, o seu cancioneiro em cada lavrado de cantaria! Eu creio, porém, que todas as afrontas que tem sofrido se praticaram por bem, nesse incompreensível amor que tantas vezes leva ao crime passional. — João Ross, Évora.

OS NOSSOS POETAS



ENGENHEIRO CELESTINO RODARTE DE ALMEIDA

(Busto de João José Gomes)

VOX DEI

ANSIEDADE

• CESAR DE FRIAS

*S*ó's horas do Silêncio e das Estrelas,
e do baile das Sombras ao luar,
quando a Terra se cala e chora o Mar
o saudade sem fim dos suas velas,...

*quando florescem árvores, e vê-las
à flor dos nevoeiros despontar,
é ver corpos de Ninfas a boiar
nos lagos em torpor das franças belas,...*

*quando sonham, estáticos, os montes
e dão aís de rolinha as suas fontes.
— Virgens pejadas pelos céus sem fim,*

*é que eu, absorto e pálido, ao luar
vagueio, horas e horas, a escutar
a grande Voz do Deus que vive em mim.*

• Engenheiro JOÃO JOSÉ GOMES

*ANDAM ventos metálicos nos ares
às horas de bruxedo em que vagueio,
buscando nem sei quem,— as mãos no seio,
e, nos olhos, de lágrimas dos mares...*

*O mais lívido e triste dos luares
pelos invios caminhos bate em cheia,
— e eu vou, todo tremente e aos aís, em meio
de asas batendo em volta, tumulares.*

*São asas de irreais Aparições,
Memórias do que fui, dum a outra Idade,
— talvez da éra em que viveu Camões.*

*Foi o Tempo seus traços apagando...
— e eu sem as conhecer, numa ansiedad,
é a mim mesmo que devo ir buscando.*

NEVE EFÉMERA

Ao Exmo Sr. Dr. José de Castro.

A serra é duma bruta contextura:
 Morros a pino, córregos lugentes,
 Costas desnudas, fragas imponentes.
 — Desordenada, hostil, bravia, dura.

Graníticas muralhas colossais
 Enlesfam, lá para o fundo, contra abismos;
 Tem-se a noção de vagos cataclismos
 Que a Natureza não repele mais.

Paisagem pétrea. Em tal serenidade
 Eis me confrangem comoções estranhas;
 Um deus vencido habita estas montanhas,
 E é-lhe insensível minha humanidade.

E este deus quem ergue as altas penhas
 E ruge nas cascatas, dementado:
 Cada alcantil é um punho seu crispado.
 Um grilo estéril, abafado em brenhas.

As suas maldições, petrificadas,
 Quedam-se, eternas, contra o céu distante;
 Rudes carrancas d'atra goela hiante,
 Dentes de pedra em fauces calcinadas.

Os morros inventivam, surdamente;
 E sobre essas revoltas, dominadas.
 Repousam monstros de épocas passadas,
 Sáurios, mâmús, de ilharga reluzente.

As vezes ruge, lugubre, o trovão;
 E o deus oculto em solidões perdidas
 Dá voz, então, às fúrias reprimidas
 E põe toda a montanha em vibração.

Arde em fogos de inferno o chavascal;
 E ao troar feroz de mil canhões,
 Gigante louco, sólido de grilhões,
 Eis que razia a serra o vendaval.

— Uiva e ulula, maluco! Canta, fonto!
 Silva e requinta, ruge, grifa, chora!
 Zoa, tufo! delira, serra em fera.
 Varejador de morte e mal's sem conto!

Hoje, porém, um sopro doce e fino
 Sfolhou do céu as pétalas da neve;
 E a bronca serra, ei-la ganhando em breve
 Um alvo, suave aspecto feminino.

Vem farinhando a etérea maravilha
 — Pranto de luar, maná pacificante —;
 E sob a sua clâmide alvejante,
 Limpida e nova, toda a serra brilha.

Ei-la mudada: É um paço real sumptuoso,
 De jaspe, de alabastro, de jasmim:
 Galerias de espelhos, sem ter fim,
 Pratas, cristais e mármore, Faustoso!

... Então, alada, grácil, rodopia
 De fadas uma ronda no alvo chão;
 E já o céu, em êbrio turbilhão,
 Baila com elas, fonto de alegria.

Bailam, rebailem pelo monte, as fadas.
Solaus, gavotas, de serões d'antenho.
— Castas, como Diana ao vir do banho.
Entre as farripas níveas das nortadas.

Bailam, rebailem, fadas pelos montes:
E os negros morros, encolarinados,
Fazem medida aos monstros polvilhados
Que espreitam pelos alvos horizontes.

D'asa ensunada, no solar das brumas.
Cisnes e pombas vão rullando as pênas...
— Danças sonhadas pelas açucenas.
Feitas de pólen, de luar, de espumas.

Depois são rodas, viras, espirais:
Sombras de lírios cruzam-se ao de leve;
... E sobre a toalha rútila da neve
Rompem fugas de cõr em mil cristais.

Ao darem fé de enlèvo tão distante,
Mugem, nos fundos, feras condenadas,
E em doce pranto, ao ritmo das baladas.
Mil olhos choram pela serra adiante.

Luzem nos montes novos arrebois:
Pousam, de manso, as avés das procelas;
Estacam lóbos junto de gazelas,
Floresce o malagal em rouxinóis,

Sonha o milhafre com a paz dos ninhos.
O javali respira as flores do val,
E a silva agreste, o cardo, o tojo arnal,
Deixam tombar, inúteis, os espinhos.

E elas rebailem... Em ditosos giros,
A brisa apaga os rastros dos capatos,
Amaciámos, um pouco, os feldespatos,
Infla o granito o peito com suspiros...

Por fim, evolam-se. E, na serra, em mágoa,
Estalam rugas, obrem-se gargantas;
Soerguem-se os Titãs, ao ver as manhas
De puro arminho a desfazer-se em água.

Rôlo, sumido o limpido lençol,
Rugem de novo, em fúria, as cachoeiras;
Já sobre o casco a nu das negras ciras
Vêm outra vez os dardos mil do sol.

Torna a surgir o riscido castelo,
A lage glabra, as giestas e o medronho,
Mais brava e dura, ao despertar dum sonho.
Volta a parecer a serra um pesadelo.

E o deus sinistro, que, durante o inverno,
Densara um dia ter um céu luzido,
Volta de novo, Lucifer vencido,
Ao desespero de habitar o inferno.

NUNO CRUZ.



A FILOSOFIA DO REGIONALISMO NA VIDA NACIONAL

E O SEU VÁRIO ASPECTO — ESTÉTICO, SOCIAL, ECONÓMICO

ONCE de todas as ideias banalizadas, de todas as interpretações vulgares e defeituosas, que transaltem umas sem-importância assustadora às melhores iniciativas, — convém sempre estudá-las com serenidade, distantes de qualquer erro precipitado, e, perante, incisivo. O que tem inutilizado muito boas intenções — que a realizarem-se, não raro, seriam de um largo alcance e finalidade — é sempre o falso defensivo, ultrabiliário, de que os prelendem cercar certos espíritos, ou a facilidade com que os criticam e falham nelas.

A desconfiança que existe — frequentes vezes — à volta dumas palavras, e que se formou lentamente na consciência colectiva, — deriva do abuso que se faz desse termo, para seduzir e deslumbrar o público ingênuo, face dos factos, ou designar assuntos que não podem caber no seu significado. ora a verdade é que o valor das palavras sintetiza-se na efectivação que o homem lhe dá. E a essencial condição para o triunfo, tumulto na franca aproximação entre o sentido espiritual dos principios proclamados e a sua transferência à prática. Douce a necessidade que se impõe, de fazer compreender — na justa complexidade do facto em si e do ambiente — a verdade das coisas, adaptada tanto quanto possível à psicologia humana.

O regionalismo, que está hoje conhecido na terminologia vulgar, necessita, entretanto, dum análogo que o faça mais acessível, e que o faça, acima de tudo, mais praticável, na realidade do dia-a-dia. So mostrando a sua razão de ser — portanto, levando a sua história — é possível ensinar o amor à tradição — no passado que nos orienta ainda — o que fez dizer o Helpes: «os homens abalem-se seriamente às más perigosas empresas, impelidos pelas sombras dos fatores que já lá vão.» Mas não basta isto ainda, porque o espírito não saheria, bastantes vezes, tirar do exemplo o ensinamento necessário — é preciso fazer outra coisa além de contar; é preciso esclarecer — com inteligência — aquilo onde o raciocínio tem de fazer demonstrações — por bem e para bem. «A história — afirma Pietro Cogliolo — serve à filosofia, mas a filosofia completa a história...»

As noções — exactamente como os homens — sofrem, em determinadas épocas, crises, por vezes, gravíssimas, que se impõe aos espíritos lucidos e livres de sugestão colectiva — combater. Em certos momentos da vida dos povos, parece que uma estranha amnésia faz esquecer, a todos, a diferença e a razão do razável e portanto a consciência do descalabrio, do perigo... Sebés as infinitas aflições em que se ligam os fenômenos da existência colectiva, a tânsa doença que tomou a sociedade da vertigem cosmopolita e urbana tem sido graves consequências materiais e morais na sequência dos factos — pois a bússola dos fenômenos sociais oscila e desorienta-se, no mostrador, à mais pequena variação... E embora haja a gente pressentir o erro em que lamentavelmente incorre, ninguém tem a coragem de fugir ou resistir à perniciosa influência das factores dissolventes, inquietantes, que actuam com facilidade... O malvo será talvez, o não se ter compreendido ainda o belo, a utilidade de regressar à vida normal, revigoradora, pura, de nacionalidade, dirigindo para o lado os maldos assédios do estrangeiro, que tanto se comprazeu em imitar servilmente. Ainda recentemente, numa conferência, eu fiz enfez de afirmar como não é digno de existir uma pátria que não tenha a sua civilização própria a dominar e a afirmar-se, principalmente, quando essa civilização é, como a nossa, cheia de encantos e de graça — rico, original, com sentimento...»

Bemais, só ele, só os costumes, as usanças, as tradições portuguesas, estão em perfeita harmonia com a psicologia do povo, com as condições especiais das diversas regiões. E a melhor prova desta verdade, é ver que, a-pesar dessa voga terrível de homogeneidade que tem matado lentamente tudo o que havia de bom na vida provincial e genuinamente portuguesa, ainda cada região tem os seus traços característicos, vínculos...

Agora — porém, infelizmente — no desorientado anárquico da romanização simiesca e de obsessão megalómana, não há ninguém, por esse país longe, que queira conservar as lindas tradições que uns fizem admiradas. Enten-

dem que a função do progresso é uma função iconoclasta e desoladora de destruição. — quando, aliás, o único progresso adoptável é aquele que é estruturalmente, fundamentalmente conservador e que se adapta às condições próprias de cada município. E' ainda Pietro Cogliolo, na *Filosofia do direito privado*, quem afirma: «Nada auxilia mais o bem-estar de uma nação que a estabilidade das suas organizações.» Incidente no nosso sentimento, o civilização amorte que, em Portugal só tem mantido os antigos e dispensáveis defeitos. Juntando desaparecer as grandes virtudes, é uma civilização indigna d'esse nome. Urge reconhecer estas verdades — e uma vez compreendido tudo, numa visão inteligente, olhar para trás, para o passado, tão lindo e emotivo, que nos deixa ficar silenciosos — de respeito e surpresa. Fazendo ressurgir toda essa formosura, agora latente e abalada — portugaliz-se Portugal, realiza-se uma alta e importante função de moralidade redentora... A beleza de vida está na variedade, no imprevisível, na surpresa — e ela só pode existir quando se guarda religiosamente os hábitos dos mestres, embora alterados pelo progresso, num melhor e mais perfeito emprego de todos os energias úteis e vivificadoras... Nem se julgue que isto é uma questão meramente exterior ou sentimental — sem importância económica. Pelo contrário, ela representa ainda uma influência colosal dentro da sociedade. E' apenas mantendo este culto sagrado pela tradição, no progresso metódico, tranquilo, consciente, que se consegue encorajar os homens para as virtudes que engrandecem e nobilitam, para o trabalho triunfante...»

Largo destas ideias, tudo é exarquia e inflexibilidade, a perder-se no conflito e no desorden... Desde o momento que se saiba atingir o verdadeiro significado do regionalismo, na vida dos municípios, fomenta-se a grandeza das províncias, de nacionalidade, visto que uma pátria, para progredir, precisa de progresso das províncias que a compõem, mas o progresso característico, variegado, na policromia das condições naturais e idiossincráticas da Terra...»

Na sua essência, o regionalismo tem de ligar-se à terra-mãe, porque só nessa íntima unidade afectiva e sossegada pode existir o trabalho honesto, num país agrícola e fertilíssimo... Por isso, é necessário amar a Terra, cultivá-la carinhosamente, cantando e rindo, como dantes — pois está aí o fundamento da ordem e da moralidade, nesse arreigada dedicação, tão estrangulada pela cidadela, pelo urbanismo assimilador e desorientador, nessa dedicação que mantém sempre integros os esforços dos homens bons... Degenerada e estiolada, numa abruante irresponsabilidade, a sociedade que esqueceu o sentido nacional, tem de voltar a prestar educação à pequena pátria nascida, à sua região — ao país natal, na encantadora e suave expressão do grande escritor francês Henry Bordeaux. Nessa atmosfera tranquila e boa, o progresso adaptado, nos mais insignificantes pormenores, — no ritual sagrado de indumentária, costumes e de trabalho honesto — tudo reviverá, por bem: a cara portuguesa, esse lar sossegado e feliz, onde se agita, como numa lenda bondosa, a família, hoje tão perdida na mesma vertigem sombria e desesperada. O que é urgente — parece-me — é refazer o ambiente, impor suavemente, pelo exemplo, a vida muito portuguesa — como na Gasconha, na Provence e na Suíça, onde se conserva todo o carácter da sua civilização, e em tantas outras-nacionalidades.

Não basta lutar em regionalismo, é forçoso praticá-lo, ensinar a beleza, a utilidade, a imperiosa necessidade d'ele, e ali — acima das peleiras — educar todos no seu respeito... Alogadas as consciências no marasmo entímico e amargo, esquecidas as indústrias, os artes e etc a agricultura — com os campos desporados e os lares apagados — ninguém se lembra de que salvar o Município, o Região abandonada e esquecida, é salvar a Pátria brindada em que vivemos, salvarmo-nos a nós próprios, da vergonha eterna de a desiar perder-se irremediavelmente — em nome da Civilização! — como o mais frívolo e o profundo símbolo de fraqueza.

MARIO GONÇALVES VIANA

COSTA



ALEGRE

ALEGRE! Era uma alegria feticia a que sempre lhe transparecia no rosto expansivo de exuberante mocidade. «Como poderia ser realmente alegre, se o torturavam as desventuras humanas, vibrando-lhe a alma dolorosamente unisso com as magnas alheias?». E não as teria proprias? Não sentiria insistente uma revolta intima e constante a protestar contra a suprema injustica de ser tão negro o invólucro de tão branca alma?

Foi verdadeiramente infeliz! Na idade dos amores, em pleno desabrochar do coração, não desdenhava as mulheres da sua raça, belos versos lhes fez; creio, porém, que mais o inspirava nôtas a compaixão do que outro qualquer sentimento. Foi uma branca, muito branca e loira, que o enfeitiçou!

Esquiva lhe foi a sorte! A sua musa loira, como lhe chamava, nutria por ele o mais descarousevel desdém!

Dois céus me lembram dum mil ferrenhos,
Esses teus olhos, laca criatura,
Em que as pupilas das leitilhas minhas
São dois trementes mil em miniatura.

* * *

Se crês que sou capaz de desligar os laços
Desse fogoço amor, que fento me consuma,
Rasgaste o coração em mil e mil pedaços,
Em todos pralmente encontrarás tu nome.

E' quasi certo que estas duas encantadoras quadras tiveram origem num amor desesperancado, que talvez concorresse para a prematura consunção do Poeta!

Após três meses de febre a 39° e a 40°, um trecho duma carta com que me favoreceu mostra bem de que ríjea anima dispunha: «Meu amigo, não tenho o espírito fraco, nem pouca força de reacção, se sentir, porém, uma montanha sobre mim, não respiro, gemio, e tu sei daqueles que estando em cima dela se julgam esmagados pelas nuvens, que lhes passam proximas.»

Morreu tuberculoso, em 22 de Abril de 1890, com 25 anos incompletos. Frequentava o 3.º ano da Escola Médica. Coligi e publiquei o volume *Versos* do malogrado amigo. Mais de 150 páginas compactas, e não pode obter todas as poesias.

Costa Alegre foi poeta desde muito novo.

E' natural que se nasça poeta como se nasce com qualquer outra vocação. Do que nem todos os poetas dispõem é da candura que distingua o inditoso rapaz.

Poeta pode definir-se: aquele que sofre a ansia constante, absorvente, insaciável... de alcançar o impossível!

Se perguntarem ao poeta que intuito o move, que aspiração lenta realizar, quasi inconscientemente, sobretudo porque faz versos, não saberá responder.

A própria inspiração não será também inconsciente?

Achar a incógnita, oculta no espírito dum homem vulgar — o caso do Hamlet com a flauta — não é coisa fácil. No poeta, que é sempre um hiper-sensível, deve ser problema insolvivel.

Se o estilo é o homem, os versos traduzem-lhe o mais recôndito da alma. Os versos de Costa Alegre ressonam termi-

ra, altruismo, lucilante quifate dum espírito feito de luz e de bondade.

Leia-lhe os Versos quem quiser apreciar o Poeta.

Nem só os grandes rasgos revelam um carácter. Uma sesta passada entre Costa Alegre e Luis Calado Nunes, também poeta de sóbido apreço, dá uma nota animica, para mim, pelo menos, tão saudosa quanto bela, na sua extrema singeleza.

Habitava Costa Alegre num quarto alugado dum 3.º andar da antiga rua de S. José; visitámo-lo por estar doente. O quarto tinha uma sala anexa, que era a casa de trabalho do poeta. Bastante achacado, envolvia-se num coberto. Sofria já os primeiros sintomas da cruciante doença, que o vitimou.

Nos mesmos aposentos estivera um tuberculoso, e não se havia feito a mais leve desinfecção.

Conversou-se sobre vários assuntos, discutiram-se versos, que o poeta espalhava a granel numa caixa velha de chapéu alto, por cima das mesas, por toda a parte, entre uma profusão de coisas heterogêneas, num mistério inenarrável.

Depois de algumas relações indiscretas, mas naturalíssimas entre amigos e condiscípulos, Luis descobriu um magnifico cachimbo novo, representando a calicea de Voltaire, esculpida primorosamente.

Encantado, a pesar de não fumar cachimbo, sem cerimónias, por ser Linda obra de Arte, exclamou:

— Que esplêndido cachimbo, que tu aqui tens! Está claro que mo ofereces.

— Não! Não ofereço. Tenho-o em muita estimação.

— Ora, adens! Para que o queres tu? Não fumas.

— Também tu não fumas... cachimbo.

O dialogo, que ai hea de memória, e de memória pouco fiel, continuou, acabando o Luis por meter o cachimbo na algibeira.

Já na escada, o bom Costa Alegre ainda intimou:

— Olha que tens de me resilituir o cachimbo.

— Pois sim... espera por essa. Se se for depois de me faltar de o ver.

Dias passados, encontramo-nos os três no Rossio, e logo o Luis: — o Costa Alegre, olha que qualquer dia lá te levo o cachimbo. Ao que o adorável poeta respondeu: — não, para quê, gostas dele, tenho muito prazer em o oferecer.

Outra nota curiosa me ocorre.

Uma vez fugiu para casa de Costa Alegre um lindo canário dumas vizinhas fronteiras. O pobre animalzinho tão finemente voou, na sua ansia de insitada liberdade, que foi caír nas garras dum gato lesto. Teve morte fulminante.

As vizinhas angustiadas pela fuga do adorável cantador, seu ferno companheiro, tendo-o visto entrar pela janela de Costa Alegre, gritaram alarmadas. O poeta, para lhes suavizar o desgosto, afirmou que a avezinha pouco sofreu, e que a levaria dentro em pouco.

Assim fez, realmente, levou-a... embalsamada. E para distrair a tristeza das vizinhas fez a elegia do canário num encovado soneto.

Era assim em tudo: bom, sensivel, afável, desinteressado, quasi infantil.

Adorava as crianças e as flores.

; Que docura de alma, que simplesa altruista, a do malogrado poeta!

Numa só coisa foi feliz: em não chegar a conhecer o mundo, em não chegar a conhecer a perfídia.

A PROCISSÃO DO TRABALHO

POR

PADRE ERNESTO FERREIRA

QUANDO, em formoso dia de Maio, desfila pelas ruas de Vila Franca-do-Campo a procissão de São Miguel, parece que ressurge a antiga alma portuguesa para, em fantástica visão, despertar saudades de um passado que tanto mais avulta quanto mais se compara com o presente.

Sumiu-se o século XIX, tantas vezes denominado o séc^olo das luzes, num ocaso de nuvens formadas por doutrinas errôneas e ambições desmedidas, nimbos lúrgidos e acastelados, que se foram condensando até rebenharem em tremendas tempestades, cujos ecos sinistros se não desvaneceram completamente, porque no céu das nações, nos horizontes da sociedade, ainda há farrapos de mau presságio. Mas ainda hoje, em pleno século XX, a procissão de São Miguel, desdobrando-se ao sol dourado da primavera, espalha, por entre o repicar dos sinos, o estralejar dos foguetes e o estrondear das músicas, a nota impressiva de uma paz serena e de uma alegria sá, ao mesmo tempo que recorda o que foi o enérgico viver de outrora, a forte organização social dos tempos idos.

Cortejo religioso, que simboliza admiravelmente a fé de um povo prestando luzida homenagem ao Arcanjo triunfador, que deu o seu nome a uma ilha, verdadeiro oásis de fertilidade e de frescura nas paragens desérticas do Atlântico; cortejo patriótico, que relembra a época gloriosa dos descobrimentos marítimos, comemorando a célebre viagem em que Gonçalo Velho, o esforçado comendador de Almourol, desviando-se do caminho alé enlado seguido pelas caravelas exploradoras e velejando para o ocidente, arrancou da concha do ignoto uma das mais ricas pérolas açorianas para a engastar na coroa da Civilização; é também um cortejo cívico, que congrega e une, em um mesmo ideal, em uma única aspiração, nobres e plebeus, ricos e pobres, clérigos e mecânicos. É a Procissão do Trabalho, igualitária e niveladora, que dignifica e exalta artes e ofícios, pois que nela se incorporam os vários classes sociais acompanhando os seus santos patronos, levados em andores ricamente ornados.

Abre o cortejo com um navio conduzindo São Pedro Gonçalves, protector dos pescadores, chamado também por estes Corpo Santo, porque à sua presença atribuem a faísca elétrica, que volvem nos mastros das embarcações, quando a borrasca está para se aplacar.

A esse meteoro, tido por bom sinal, chamam os espanhóis Santelmo e sobre él discreteou o nosso Amador Arrais, nos seus *Diálogos*, segundo a ciência de então, terminando por afirmar que esta nada adiantava e que só era certo verem-no os navegantes muitas vezes em viagem de longo tempo. Disse Camões, o genial cantor das glórias pátrias:

... O lume vivo
Que a marinha gente tem por santo,
Em tempo de tempestade e vento espirro,
De tempestade escuta e triste prado.

Os pescadores açorianos leem grande devoção ao seu santo patrono, a quem, em outras eras, levantavam, nas eminências das costas, alvas e risonhas ermíndas, para onde, em momentos de perigo e aflição, voltam olhos suplicantes,

invocando o socorro do Corpo Santo, que deu o nome não só aos pequenos e loscos templos, mas também aos sítios em que os mesmos se acham.

A gente marítima de Vila Franca-do-Campo ainda festeja o seu querido Padroeiro na segunda-feira depois do domingo de Pascoela, levando processionalmente a devota imagem para a Matriz, onde há missa solene e sermão, e reconduzindo-a novamente para a ermida de Santa Catarina, também à beira-mar, na qual se acha actualmente, por se ter atraído a sua casa. De tarde, os pescadores percorrem, em bandos, as ruas da Vila, pulando e bailando em vozaria donde sobressai a palavra *Irrô*. É a isto que chamam a festa do *Irrô*. Este vocábulo é provavelmente uma corruptela da aclamação *Hurrô*, tendo-se convertido em *i* a outra semivogal *u* e em *ó* o a final, o que é frequentíssimo na linguagem popular micaelense.

Após o navio, em que vai São-Pedro Gonçalves, acompanhado pelos homens do mar, seguem-se vários andores com os patronos de outras classes, ornados por um dos seus membros, em cuja casa se acha em exposição a respectiva imagem no dia da procissão e na véspera. São-Crispim pertence aos capeleiros; Santo António-de-Lisboa aos oleiros; Santo Antônio aos lavradores, que quase o cobrem de cordões de ouro. Santa Catarina era dona da padroeira dos barbeiros, mas hoje enfeitam-na e acompanham-na os empregados públicos e comerciantes. São-João Baptista é o patrono dos pedreiros. Os carpinteiros pertencem São-José e aos arrieiros a Senhora do Egílio com o Filhinho no colo sentada num jumentinho conduzido pelo venerável Espôso. O Menino Jesus é dos alfaiates. Finalmente vai a imagem de São-Miguel, calcando aos pés a Lúcifer, o anjo rebelde, e empunhando na mão direita o gládio flamejante da vitória e na esquerda o escudo impenetrável da justiça com a legenda — *Quis sicut Deus?*

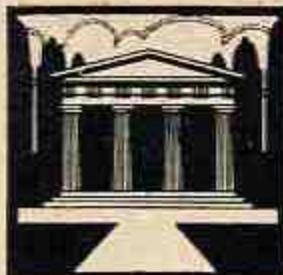
É muito antiga a procissão de São-Miguel, pois já no séc^olo XVI a Câmara estabelecia coimas para os mecânicos, que nela se não incorporassem com as insignias dos seus ofícios e com os castelos ou pens torneados e ornados de ramilhetas que era uso os mestres levarem na procissão de Corpus-Cristi e nas cerimônias públicas das Câmaras. De há muito que as classes, e sómente algumas, apenas ostentam as suas bandeiras quadrangulares de damasco.

Na vigência do regimen monárquico fechavam o cortejo os vereadores, entre os quais flutuava o estandarte municipal de seda vermelha lendo bordada a ouro a figura de São-Miguel, que constitue o brasão de armas da Vila.

O séc^olo XIX, irreverente e impiedoso, extinguiu as antigas corporações, impulsionando o individualismo egoísta, que é um dos factores da anarquia em que se debate a sociedade actual. Mas a procissão de São-Miguel, a Procissão do Trabalho, todos os anos, em soulheiro dia de Maio bafejado pelas brisas fúgiueiras do oceano, coleia as principais artérias da primitiva capitã da ilha, como eco longínquo da forte e modelar organização profissional do passado.

PADRE ERNESTO FERREIRA

(De Academia de Ciências de Portugal.)



ARQUITECTURA



O ROMANO-GÓTICO EM PORTUGAL

A CAPELA DE SAN-PEDRO, EM AVÔ

(CONCLUSÃO)

É a única referência que encontrei de San-Pedro ser um dos lugares das estações das Ladeiras da Ascensão, o que era natural:

A-pesar-de não ter dados alguns, estou em crer que pelo menos algumas das igrejas filiais da de Avô, também ali iriam nesses dias.

Além destes procissões na semana pascal e a de Avô pelas Ladeiras menores, havia outras, todas as sextas-feiras de Maio, de Avô, Pomares e Anseris, como diz padre Caelano de Sousa (¹) e o livro dos usos e costumes da Colegiada (²).

As das duas últimas freguesias teriam desaparecido com o interdito, e as daquela outra, mudadas também para a Senhora-dos-Anjos, ir-se-iam com a extinção da Colegiada, com a extinção de tanta coisa linda que o século que passou ia levando consigo.

Pelo meado daquele século, em data que me não foi possível precisar, recompôs-se a capelita e voltaram as cruzeiras de Avô, Pomares e Anseris com as Ladeiras; mas em lugar de ser no dia tradicional, o dia do voto, começaram a ir no dia das Ladeiras menores, Ladeiras que, como é sabido, são preceituadas pela liturgia romana.

Anseris abandonou em breve, e agora sómente Avô e Pomares ali ali trazem o canto queixoso das invocações dos santos.

Da capela

Os visitadores do antigo arcediagado de Seia, na sua linguagem simples, deixaram aqui³ e além, pelos termos de visita da igreja de Avô, pequenos fragmentos da litania de pobreza e abandono material que a meiga capelita vem arrastando desde não sei se pouco depois da sua edificação.

O de 1712, Dr. Manuel Moreira Rebêlo, Protonotário Apostólico e Provisor do Bispado, é o primeiro a falar-nos dela:

“É porque a fábrica se tão bem obrigada e errar e cap.⁴ de São P.⁵ ordeno se mande em tr⁶ de tres meses reformar o forro della, e os mordomos mandarão consertar as paredes do corpo da mesma cap.⁷ e rebeltais em forma q. nella não chova, e se consertará o Calix da Igreja pertencente

à fábrica naquelle parte em q. está cobrado ao q. não se satisfará sob pena de quatro mil reis.” (⁸).

Os mordomos de San-Pedro e o fabricário da capela-mor da igreja, simplesmente não se importaram com o que ordenara o visitador, o que era muito vulgar então e ainda hoje.

No visita seguinte, a de 1715, o Dr. Domingos Francisco Nunes, como nada se fizera, diz:

“Também se ordenou na passada q. o forro da capella de S. P.⁹ a q. he obrigada a fábrica da capella mor desta Igr¹⁰ se reformasse eo que se não deu cumprir,¹¹ antes se me les queixa estava chovendo no altar e por isso se não podia dizer missa nello pello q. mando ao R¹² fabricário com pena de quatro mil reis q. dentro de tres meses mande reparar o dho forro e o telhado p.¹³ q. não chova nello.” (¹⁴).

Não obstante vir, como já na anterior, a ameaça da multa, a capela continuou como estava.

Ora, em 18 de Maio de 1717, o visitador, o mesmo da de 1715, mas então Prior da Colegiada de San-Tiago de Coimbra, encontrando-a no mesmo estado, escreve no livro das visitas:

“Como já nas passadas fosse mandado se reparasse o forro e telhado da cap.¹⁵ de S. P.¹⁶ por estar de mén.¹⁷ q. no altar se não pode dizer missa por chover no altar e o R¹⁸ fabricário o não mande fazer escondo o seu cargo o ei por condenado nos tres mil reis cominados no cap.¹⁹ da passada e sob a mesma em dobro lhe manda q. dentro de tres meses m.²⁰ cumprir o d.²¹ cap.²²” (²³).

O pobre prior de San-Tiago leu mal, não viu que eram quatro mil reis o que se dizia nas duas outras visitas.

Desta vez presumo que se concertou; só em 1774 se lhe torna a aludir.

Este estado da capela não era sómente produzido pelo desleixo.

A igreja paroquial desde alguns anos, andava em reconstrução. Havia-se lançado derramas pelo povo; os rendi-

(1) Livro das Visitas da Igreja de Avô, II, 44 v.

Um pouco anteriormente, em 1686, o visitador Manuel Soares de Gouveia, vigário de São-Miguel de Coja, deixou-nos uma nota interessante de como se tratavam algumas capelas.

“fesente questi q. nas Ermidas se minhava e recolhão os novidades coqua m.²⁴ indecente, e p.²⁵ se sianhar, pello q. mando pena de Ex. ran. e de q. m.²⁶ reis p.²⁷ a conf.²⁸ do q.²⁹ que nenhum peso malhe, nem recolhe frades alguma nos d.³⁰ lugares q. só forão erigidos p.³¹ os lires nelloz crarem, e não p.³² seruirem de Erizas, e celeiros.” (Liv. cit., II, 4).

Uma página linda, como se vê.

Façam frequentes o ofrore e hoje; livros de visitas de outras igrejas tecem-me dito coisas semelhantes, e não é raro ficar-me entristecido a olhar para escombros de pequeninos santuários, por esta região da Beira, que parece querer dizer adeus aos santos que venerava.

(2) Livro das Visitas, II, 46 v.

(3) Livro citado, II, 50.

(1) Memorias Parochiales, loc. cit.

(2) • Maio — Todas as sextas-feiras Ladeiras com Missa & Capella de S. Pedro. Seguidamente em letra diversa « achão-se mordadas p.³³ a Capella da Smt.³⁴ dos Anjos. » Lsc. cit. no texto um pouco anteriormente.

mentos próprios dever-se-iam consumir incólume; nada restaria para se aplicar às capelas. Isto é-nos confirmado pelo cônego da Sé de Coimbra, João da Costa Seraiva, que em 1718 louva o zélo dos paroquianos de Avô, e por ver que se tinha gasto muito com ela, dispensando-os de a mandar soalhar logo⁽¹⁾.

Não se lorna a falar em San-Pedro senão em 1744.

Vinha em visita o Dr. Manuel Rodrigues Teixeira, Vigário de Maçãs de D. Maria, Comissário do Santo Ofício, Juiz dos Resíduos, Chanceler e Vigário Geral.

Foi ali à capela, viu bem tudo, ordenou:

* Necessita a Capp.^a do Glorioso Apóstolo São Pedro de ser reboada e coyada, e também retocado o feito della para melhor resistir aos temporais — de se fazer hum relâbulo novo em que o mesmo Sancio esteja com decência — De hum frontal de madeira pintado de húia banda com boas pinturas de festa e pella outra com as proporcionadas para o Ip^o de Advento e Quaresma, e de ser conservado a vestimenta de sétim com estola e manípulo — de hum cordão de boas linhas — De trez pallas de linha bem engomadas; e também necessita o cíngulo dos ornamentos de ser confeccionado: a cujas despesas está obrigada a Fabrica da Capp.^a mor desta Igreja; e por isso m.^o que a Rev.^{ma} fabricaria dele no termo de trez meses por conta de m.^o Fabrica pocha em ex^{ma} o referido mandando-o fazer; e qnd a isto falle — o R.^{do} Parroco sól de obd^r findo o dito fr. — de conta com o theor deste cap^a a Meza do Justissimo Ecclesiastico para coatra elle se proceder como parescer justo. O m.^o R.^{do} Parroco no termo de quinze dias fará demoler os Altares que estão na dita capp.^a, de S. Ildefonso e de N. Sen.^a da Piede e v.nd não esclarem ornamentos, nem haver q.nd os tive; e a imagem de S. Ildefonso será collocar no Altar do Glorioso S. Pedro. ⁽²⁾

Estou em crer que nada do que se ordenou nessa visita, se fez; nem relâbulo, nem frontal, nem paramentos (agora não tem nenhum). Os altares laterais desapareceram quando da quase ruina em que a capela esteve e a camada de finta que a imagem tem a deformá-la, parece-me ser posterior.

Foi então que se começou a acentuar a sua decadência. Algumas freguesias, como disse, foram dispensadas de aliarem com as Ladinhas, e outros foram-se dispensando. O próprio edifício arruinava-se.

Do seu estedo de miséria diz-nos claramente Inácio José Gomes da Silva, Prior de Santa Comba Dão.

A 11 de Novembro de 1775 vai em visita a Avô, e carinhoso, enternecido pelo passado da capelita lá do alto, escreve no livro das visitas:

* Consiste qnd a capella de São Pedro de entre as mesmas desta freguesia lie mundo enigma, e a elle concorrem com estrenadas devocções os povos destas vizinhanças e indo muitos delles com suas cruzes em processão a dita capella repetidas vezes no anno; esta capella achá-se com huma parede arruinado e por consequencia necessitada de calibrado e tijolo para nello continuar a antiga devoção destes povos e nella se celebrar o altissimo sacrifício da missa, e como nãem tem rendimento algum para a sua reformificação e esta freguesia farta se entereça em que presida e se nem está em dia devoção, e concurso das vizinhas e no que respeita no mais esta suficiente paramentada mando que o R.^{do} Parroco perpondo primeyro ao lg.^o do povo a percízum qnd ha dessa obra a seu consentimento proceder com dois homens bons e de bom coração suportando-se primeyro a importe da dita obra proceder e finta e quando os mesmos repugnarem o Jns da lg.^o requererão ao D.^o Provedor deste comarca com theor deste Capítulo que o dito Reverendo Parroco lhe daria para que o mesmo relíssimo mestre mande proceder a dita finta para que se conserve a devoção o que se executara dentro em dois meses e quando assim se não execute fique suspensa a mesma capella e o R.^{do} Parroco para conduzir os sacerdos da mesma capella para a sua Igreja^a donde os colocarão em lugar decessivo o que fudo espero faga pelo seu zelo e quando por falta de fells se não concluir a obra da dita capella non se minha intenção qnd neste caso figure suspensa contento que havendo fella nova ella se neste tempo se conclua. ⁽³⁾

Não sei se o pároco, o juiz da igreja, ou aquele outro relíssimo mestre fizeram alguma coisa, mas presumo que não. Presumo que ninguém se importou que, passados os dois meses dados para a compor, ficasse suspensa; nem o

pároco também teve o incômodo de transportar os santos para a igreja.

1813, o interdito...

* Porque as Capellas do lugar da Moura, de São Pedro, e do Santo Christo situadas nos subúrbios desta Villa estão inoperantes dos seus fins e de se celebrar nellas o angosto Sacrificio da Missa tanto em razão dos estragos das edificações como da falta dos Paramentos indispensáveis: ficam suspensas atile que sejam reparadas, e paramentadas, com a devida decência do qual julgará o Reverendo Arcebispo do Distrito. ⁽⁴⁾

O livro das obrigações e dos usos e costumes, em 1817, dá-a ainda como interdito, e alguém, mais tarde, põe-lhe uma nota dizendo o mesmo.

Continuou assim por anos; abandonada de todos, sem ninguém que se recordasse do seu passado, em que havia lágrimas.

Aquele vélhinho que encontrei junto dela, tinha tristezas no olhar ao contar-me daquele tempo em que ela não tinha telhado, nem portas, as silvas cresciam lá dentro, e os galhos que pastoreavam vinham brincar com a imagem.

Pelos meados do século último, em ano que não pode determinar, um José das Neves, de Anseris, condoido daquela miséria, pôs-se a pedir pelos povoados serranos para a recompor, o que conseguiu.

Como ficou dito, voltaram as cruzes de Avô, Pomares e a de Anseris pelas Ladinhas menores. E foi de ver como os desta última freguesia olhavam para os de Avô e lhe iam grilando que a capela era dêles, muito dêles — elas a tinham composto. Ora os de Avô não gostaram, e já de começarem rixas, de pegar no San-Pedro e tentar levá-lo para a sua igreja, elas que o tinham criminosamente abandonado.

Como durante alguns anos se repelisem os desordens, as justiças de Oliveira-do-Hospital e de Arganil, a que pertenciam respectivamente Avô e Anseris, liveram de intervir, e à face do tombo velho, agora desaparecido, declararam ser a capela de Avô. Os daquela oultre, muito dignas, voltaram costas, desceram a ladeira, e nunca mais Anseris voltou a San-Pedro.

* * *

Era já um pouco para a tarde. A capela escurava-se: um ramo acariciante de oliveira punha-lhe uma sombra rala, no alto da frontaria, e outra menor bordava a porta vélhinha. As setas enterneceram-se pouco-a-pouco. Pinheiros, de em volta, exállicos, rezavam. E uma paz, um sossego, pairava brandamente.

Olhei-a enternecido, recordei-lhe o passado.

Ladinhas da Páscoa, ladinhas de Maio, que lindas não seriam!

Dezoito freguesias a soluçá-las, dezenas de vozes numa súplica grandiosa ao Senhor; o sol a cantar nos vestidos, no laião das cruzes, talvez naquelas floridelizadas da Feira e de Avô, tão simples e tão graciosas.

Tudo se foi. Agora só duas lá vão.

O párocos de Avô e Pomares, meus doces amigos, continuai com a tradição meiga.

As vozes desses serranos, vozes doridas como as litanias, continuem a gemê-las; os seus falos negros a ir chorar à capela antiga; e a plangência arrastada do canto, a soar unisono com o ramalhar dos pinheiros por onde passam.

NOGUEIRA GONÇALVES

(1) Idem, fl. 552.

(2) Idem, fl. 73 e v.nd.

(3) Idem, fl. 93 v.nd e 94.

(4) Idem, fl. 111. O visitador era o R.^o José da Costa e Silva, prior e arcebispo de Nogueira-do-Cravo, a que Avô pertencia. Actualmente é sede de Arcebispo.

C O N T O S
E
N O V E L A S

N O I T E
D E
M A I O



LINDA aquela lua de Maio. Lua ainda crescente a que as nuvens não deixavam exalar toda a sua argentea pujança. Se a nuvem que a encobria era diáfana, um floco ténue, o luar amortecia, como que a descansar um pouco do dispêndio de energia luminosa. Mas nem sempre as nuvens eram translúcidas, desfumbradias, vaporosas, e, por vezes, espessando-se, deixavam unicamente aparecer o desenho discóide da lua; quando negras, isso mesmo escondiam, levando toda a claridade para o seio da sua massa tenebrosa.

Sem o luar, o jardim tornava-se triste e de triste fazia-se assustador. As árvores pareciam crescer, alongar-se para os céus, alastrando para os lados, unirem-se umas às outras vestindo-se de luto e não mais a limitar alamedas mas circunscrevendo manchas sombrias, de contornos indefinidos, esfuminhando-se na escuridão.

Ao voltar a luz, na retirada da nuvem, todo aquele conjunto aniquilador se resolvia em linhas exactas, assinalando os limites dos troncos, o nascimento dos ramos, os contornos das folhas; o resto ficava numa meia-tinta esbatida, não menos impressionante, não menos bela.

E lindo, sempre lindo, o clarão do luar; envolve-nos e não nos queima, alumia sem deslumbrar; é frio como a morte e suave como o túmulo; vela o sonho do dormente e acaricia o sonhador acordado.

O jardim rejubilava, estendendo-se, espreguiçando-se, naquele banho consolador que a lua lhe oferecia. Entre as folhas, o vento ciciava baixinho uma melopeia subtil, daquelas que só a música da Natureza conhece. Um pé de Eduardo impulsionou uma pedra e ela foi engolhar-se

no meio do lago; a água, espatanando, ficou a vibrar em ondulações sinuosas sobre cujas pregas a lua se reflectia e tinha aspectos estranhos na imagem. Parecia uma gota de prata fundida, caída ali, procurando repouso na água esverdeada. Alongava-se, retrai-se, alargava-se, encolhia-se, em movimentos alternos e apressados; e a gota imensa boiava à tona do líquido ou mergulhava por elle a dentro.

De longe vinham rumores confusos, quase apagados, ululando docemente ao morrerem no solo e nos ares. Um cão, afastado, ladava com insistência; umas vezes furioso e outras tristonho. Lamentos plangentes, formados de latidos agudos, degenerando para uivos violentos, sombrios, com entonações fúnebres... Era a emoção cidadina agonizando ao transitar para o silêncio dos campos.

Passou uma nuvem muito negra ante o disco lunar, embrulhando tudo em sombras. Ao longe, o cão ouvia-se sempre, num misto de inquietação e tristeza; tinha um ladrar entrecortado de latidos, terminando no eterno uivo. Da cidade, o murmurio vinha às ondas, uma mais forte do que outra, esta alastrando mais do que aquela. Ao clarão lunar todos os ruidos soluçavam saudade, mas sem elas fundiam-se em gélidos tremores, arripiando no recinto semi-fantasmagórico, teatral, digno de mágica.

(Do livro a sair *Almas em sangue*,
fragmento do conto «A Viúva».)

BARDOSA SUEIRO

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra
pelo Capitão JOSÉ BRANDÃO

1.ª PARTE.—OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS.—TÍTULO I.—LIVROS (PROSA)

ADENDA (CONTINUAÇÃO)

- 188 **Ben Rosh (A.)** (pseudônimo de Artur Carlos de Barros Basto) — (Cap. de Inf., do Bat. de Inf.º 00 de C. E. P.) — «Terras de Morte e de Fé (Quadros oryamistas na Flandres)» — folh. 41 p., (0,085×0,151), Imprensa Civilização, Porto, s. d. Edição do Instituto Oryamita do Porto.
Na capa e no frontespício o selo emblemático do Inst. Oryam. do Porto.
- 189 **Brandão (José Augusto ... Pereira de Mello)** — (Capitão Miliciano de Artilharia, do 2.º G. B. A. do C. E. P.) — «9 d'Abrial! (Palavras dum soldado de Portugal)» — folh. 8 p., (0,113×0,169), Tipografia Santos & C.º, Vizeu, 1925. Edição do Autor. (O produto líquido da venda deste opúsculo destina-se à Liga dos Combatentes da Grande Guerra).
- 190 **Cértima (António de)** — «A legenda dolorosa do Soldado Desconhecido de África» — folh. 14 p., (0,110×0,210), Tipografia de Luis Beleza, Lisboa, 1925. Edição do Autor. Com um prefácio, «Inscrição», de Afonso Lopes Vieira.
- 191 **Lança (Jaime)** — «A Moreninha» — Novela, 24 p., il. e c. il. por Bento Correia, (0,091×0,115), Tip. Americana, Lisboa, 1924.
(E' o vol. N.º 3 da coleção «Novela Contemporânea», dirigida e editada por Jaime Lança.)
- 192 **Patrício (Artur)** — (Ex-1.º cabo de Artilharia) — «Impressões de viagem a bordo do «Moçambique» ao Sul de Angola (Notas dum expedicionário)» — folh. 24 p., c. il. com retrato do Autor, il. com 3 fotografias, (0,080×0,132), Centro Tipográfico Colonial, Lisboa, 1925. Edição do Autor.
- 193 **Campanha no Sul de Angola. 1914-1915** — folh. 77 p., (0,098×0,172), il. com o retrato do General Pereira de Eça, Tipografia da Escola Militar, Lisboa, 1922.
(Comemoração do 7.º aniversário da Tomada da N'Giva nos dias 3 e 4 de Setembro de 1922. Discursos e artigos consagrando a memória do General Pereira de Eça e o êxito da Campanha). O produto líquido da venda deste opúsculo reverte para os Orfãos da Guerra da Casa dos Filhos dos Soldados Portugueses.
- 194 **Ribeiro de Carvalho** — «Maldita seja a guerra....» — 81 p., c. il., com retrato do Autor, (0,085×0,131), Tip. Americana, Lisboa, 1925. Edição da «Lumen», Lisboa. (Contém 7 contos, três dos quais já publicados noutro volume. Ver espécie n.º 183 do Título I).
- Anexo A
- (*Originais de autores portugueses em língua francesa*)
- 195 **Conde de Penha Garcia** — «La Patrie Portugaise» — folh. 44 p., (0,081×0,142), Imprimerie Atar, Genève, s. d. (1917). (Conferência feita em Lausanne, em 12 de Maio de 1917, numa festa organizada pelo «Comité de secours aux Militaires et Civils Portugais prisonniers de guerre»).
- 196 **Costa Lôbo (Dr. Francisco Manuel da)** — (Lente da Universidade de Coimbra) — «Le problème mondial et l'action du Portugal» — 362 p., c. il., il. com um mapa e 4 retratos, (0,085×0,135), Imprensa da Universidade, Coimbra, 1921. Com prefácio do Autor. (36 capítulos em que são estudados: aspectos gerais do «problema mundial», acção de Portugal durante e após a guerra, o esforço militar e financeiro português, a situação económica de Portugal no final da guerra e as relações internacionais portuguesas).
- 197 **Homem Cristo, Filho (Francisco de)** — «Le Portugal contre l'Allemagne» — 121 p., (0,074×0,122), Editions Fast, Paris, 1918. (Contém: A conferência feita pelo Autor na Sociedade de Geografia de Paris, a 27 de Junho de 1918, organizada pelo «Comité International des Ligues Anti-germaniques»; Discurso do P.º Wetterlé, presidente do referido Comité; Discurso do Ministro de Portugal, Dr. Betencourt Rodrigues; Carta de Paul Adam; Discurso de Maurice Barrès e Discurso de Jean Richépin).
Tem 3.ª edição.
- 198 **Idem** — «Les Porte-Flambeaux» — 260 p., (0,082×0,130), Imprimerie Lang, Paris, s. d. Edição Fast, Paris. Com prefácio do Autor. (Contém estudos de Clémenceau; Anatole France; Cardal Mercier; Paul Adam; Jaurés; Maurice Barrès; Marechal Foch e Presidente Sidónio Pais).
Tem 10.ª edição.
- 199 **Memorandum. Quelques idées opportunes offerts à la considération de la Conférence de la Paix par le Général de Division réformé en 1909, ancien officier du Génie portugais Pedro Romano Folque** — 134 p., 1 de Table e 1 s. n., Tip. do Anuário Comercial, Lisboa, 1919.
- 200 **Osório (Paulo)** — «Le Portugal et la Guerre» — Payot & C.º, Paris, 1918.
- 201 **Portugal (Le) dans la guerre. Lois et décrets République Portugaise** — folh. 88 p., (0,091×0,171), Imprimerie Nationale, Lisboa, 1917.
- 202 **Portugal (Le) dans la guerre. Lois et décrets. 2.ª série. République Portugaise** — folh. 53 p., (0,091×0,171), Imprimerie Nationale, Lisboa, 1919.

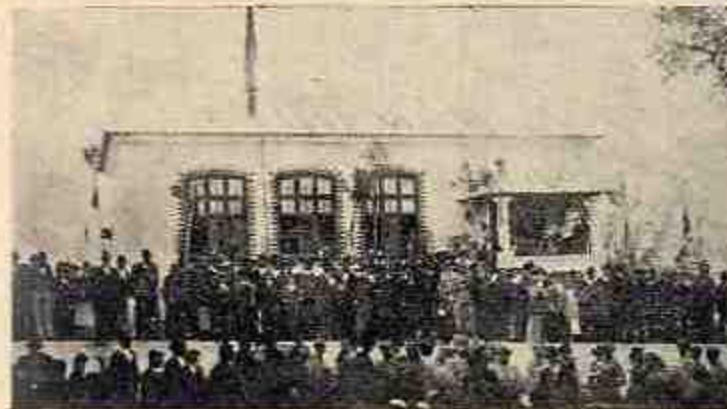
(Continua).

JOSÉ-BRANDÃO.

FIGURAS E FACTOS

INICIATIVAS QUE DIGNIFICAM

EM Vila Nova da Barca houve há tempos um gesto patriótico dum dos seus filhos, que deixou comovidos de gratidão e entusiasmo todos os habitantes da laboriosa aldeia.



O edifício da Escola de Vila Nova da Barca, no dia da sua inauguração

zação desse melhoramento, mandando construir o dito edifício e dotando-o depois do mobiliário pedagógico necessário.

Tão nobre gesto mereceu de ledos os seus conterrâneos as mais ensaias provas de veneração, tendo decorrido com o maior brilho as festas da abertura da dita Escola, que ficou um es-

O Capitão sr. Gomes da Silva, regressado da África, onde se encontrava em serviço da Pátria, vendo que a sua aldeia carecia de um edifício escolar, tomou ele próprio a sua responsabilidade e reali-



Capitão GOMES DA SILVA

tabelecimento com todos os requisitos modernos de estética e comodidade.

O homenageado ofereceu, a seguir às festas da inauguração, um leuto banquete aos seus amigos que se encontravam presentes. Actos patrióticos dessa natureza, é de justiça que não fiquem no esquecimento.

EMÍDIO C REBELO



Alguns dos manifestantes com o homenageado, no dia da inauguração da Escola



JOÃO CARREIRA, licenciado aluno da Faculdade de Farmácia de Lisboa, e leitor prelio, que vai iniciar na "Alma Nova," uma secção de química aplicada.



DR. ALVARO COELHO, maior Assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa e escritor muito culto, que publica recentemente o curioso lirírico "Alma de Cirurgião."



NUNO CATARINO CARDOSO, grande escritor e um dos nossos mais apreciados intelectuais, que sozinho publica "A Pátria Portuguesa e Brasileira."

PÁGINA DOS TEATROS

■ ÁNGELA PINTO ■

A cena portuguesa, era das maiores. Em cada papel que interpretava tinha uma criação. A sua biografia é simples, — igual à de todos os artistas que pelo seu valor se fizeram grandes — um período de tentações, mais ou menos obscuro, uns solavancos na vida, umas hesitações, depois a revelação e a glória. Nasceu em Lisboa a 15 de Novembro de 1869, iniciou-se em Setúbal, num teatro de barroca: veio a seguir até ao Rua dos Candos, onde, depois de várias peregrinações prometedoras, volta de novo, com os seus 23 anos estourados, irrequietos e brincalhões, para receber, no "Manuela" do "Solar dos Barrigas", as primeiras ovacões do verdadeiro triunfo. Como cantora de opereta, a sua vivacidade empolgava e todos os palcos a disputavam. Depois entra no drama e vence



também. Vence em Portugal e vence no Brasil, para onde segue numa tournée do "D. Amélia" em princípios de 1910, regressando em Outubro do mesmo ano. O último teatro em que representou foi o Politeama, onde há 3 anos, acometida de doença súbita, quando representava, fora obrigada a fazer para sempre as suas despedidas do público. O pequeno cálice do seu corpo era já demasiado frágil para conter a efervescentia da sua alma. E ela, que sempre soube rir, abandonava a cena chorando. Tinha de ser... A morte só veio, porém, buscá-la este ano, embora a artista já tivesse morrido há muito para o público. Mas se o seu vulto foi, de facto, a enterrar, alguma causa ainda nos ficou: — a sua glória e as suas criações. Essas serão eternas.

M. M.

IMPRESSÕES E CRÍTICAS

Eduardo Brásio e Lucie Guitté mereceram. Quelz deslumbrante e sua linda personagem transformaram das paixões e das ideias transformadas em Arte.

Brasio era o clima, a elegância. A atitude, a erudição da Beira pela forma esculpida feia simpatia, era a sua grande fôrça — e essa das suas potestes no teatro.

Relatadas interpretações? Para quê? Não de maneira com os gêneros que a admitem.

O apóstolo norueguês: « as ideias ficas, para que outros questionem »

Lucie Guitté foi criticada assim, por Franscipe Sury, quando se estreou no *Dame des Camélias*:

« Os malfacientes voltam... il a disappris, am... ye soit un châtelier, ce le vailler, ce la faire, ce la faire... Il nous égareront avec une partie de charme et accrocheront sur le front! Chante n'importe! La partie entière est à brouiller. Et des malentendus! Nous, vous n'avez pas qu'à faire lui donner ces malentendus. Ses habitudes le renverront dans le rôle et déclencher des gîts. Il jette les bras colas au temps, gestic et frouf. Tous actes sono en récit de sensibilité, si de passion... Nous étions convaincus. Il nous semblait que la scène devait horriblement souffrir. Il l'est en effet depuis sa dernière acte. Il a surtout beaucoup de rebondissements de grande scène changeant des titres de basque jolis à force... »

« Il a une voix atraente, ex-purissime; il fait exprimer, avec des effets curieux et rares, les classés de la peinture, a peu envie. Chante et conduz à part, il a la ligne intéressante. Il apprendra vite ce qu'il ne sait pas encore. »

Cada se tornou, efectivamente, o seu singular e da natureza singular. O seu trabalho de mestre moldou-se nas harmonias esculpidas pela inteligência:

« J'apprissons un rôle — ésta —, je le sors de mon sac, et puis arrive le moment de véritable effort... cela fait tomber a un plus haut, a toute... »

Guitté era um Artista, dirigindo a Perfeição. As suas paixões e o exemplo da sua vida marcaram o Norte das que pretendem ser Artesas dedicadas ao Teatro.

Além o "Teatro Novo", com a peça *Koreck de águas Rurantes* — Luis Portogale —, poeta e escritor que, nata vinda avançada, tentou descolonizar o Arte pelo simbolismo, em seu poema de estudos psicológicos, obtinham os vinhos de salões de alta participação e cada individual, ou, da parte da psicologia individual em ligação com o espírito da civilização por influência do nome.

Filhou ainda nas suas gravuras de autor este, pintamente com a temática do conflito sentimental, rende a sua originalidade, fruto por forte diversidade da personalidade criativa pelo gênio de Maturi, pelo nome grande Gil Vicente e por António Ximenes ou António dos Fidais.

Muito bem desempenhado pelos elementos de interpretação dirigidos por Joaquim de Oliveira, são abrangentes os resultados propostos ao espetáculo das plásticas teatrais e dramáticas, devendo ficar em ambiente criado na sala da iniciativa das orientações da "Sociedade Novo", por elas feitas, pelas quais a cultura e pela errata interpretação de realidade econômica, principalmente no presente acto.

O seu sentido plástico-síntetico em seguida não resulta tanto da elaboração essencial da personagem. O "Teatro Novo" faz, assim, sua crítica de habilitante para as artes, com o progresso do seu sentido, quasi perdidido pelo excesso de retinas em Portugal.

O poeta salão co. Fidais foi acceptado, em geral, com muito bom gosto, segundo as tendências descriptivas, melancólicas e, acima de tudo, a ilustração da sua, sem dúvida nenhuma, personalidade de sua, constitui um grande entusiasmo, para tanto ter que « falar que se contraria e igual ao contrário » e em que está em projecto, sumindo a talvez X conto, através de intensamente a elegância das línguas e a expressão das artes, rubro dos resmas, ou, aliás, abrandados estilos matutinos de equívoco literário.

S. Carlos, sempre olvidando, de quando em quando, por intermédio da Sociedade de Cinematografia, admirável obra de arte musical. A sequência de recente Artesas interessantes trouxeram suspeitas de elas das autoras intérpretes e a nossa grande vanguardista Sampa deixa-nos com a surpresa sua edição inédita. Testimônio a época da competição lucrativa entre-nos Miss Angélica, L. Margarida Lopes de Almeida, primeira vencedora de resultados da Escola de Belas Artes do Rio-de-Janeiro e diretora de ensaios teatrais, que recolhe portanto seu passado sobre os palcos de 1910, harmoniosamente de círculos de escena.

Uma estrada numa fase em que os teatros mercam, por antigo do que se no estrangeiro, exhibem bons artistas de variétades. O S. Luiz apresenta: Mercedes Seixas, Irene Valle, Chavela, Agnès Rose Ann, Manel Valle e a cípria Carmen Vargas.

O Coliseu, num temporal lento, desvairado, rítmico, com o teatro Flora, que não pode resistir mais aos rudes batebas entusiastas, prova sempre como hermosa e fraca é a velha italiana com actriz nova, extradeira de longo.

Tro, desdoblado e engomado do Andante. A sua inteligente grãzia actriz, Andria Ribeiro — essa moça tão ligeira, colorida a voz em peito, que lhe dá certeza grande para o poder cantar, — se não trocar a garganta suave, talvez, o perigo de uma actriz proibida.

No Arreial, Maria Helena, a interessante atração, filha de Maria Matos, desempenha com muito brilho o seu papel no cassella inglês « Peg of my heart », traduzida com o título « Era uma vez uma menina... »

No Jockey de Alverde, desde a inauguração, Dafne Bastos interpreta a « Semente de Júlio » Dutra, a qual desloca amado resultado, mas interessante.

ESTRANGEIRO

ESPANHA — Madrid continua a ser, o pensamento que abrange, um grande centro da Arte teatral, deposito de muitas artes. As primeiras representações encantaram, os drama, os comedias, os zarzuelas e os revistas.

No teatro, entre outras, de muitos entusiastas, foi bem recebida « El amor en los ojos », estreia do autor sueco Cecilio Barberán e « Cet hiver las montañas », de Asturias, em que a primeira actriz Teresa Fernández desempenhou grande justiça. Traduzido só atendendo, com o título « La cueva », o cordial de Schopenhauer e Rosenthal, foi o maior êxito dos últimos tempos, com a grande Alicia Dulce. Para o seu agradecimento contribuiu um sacerdote madrileño de Miguel Colombero e Benito.

No drama, ressoaram-se così estórias: « Son mis amores reales » de J. Díaz; « Alicia e o Verão » de Ortega e Gasset, e « El nino », de Luis Aragones.

No Zarzuela, no Olympia, o magnífico de arte « Nepotismos » foi o grande acontecimento teatral, deslizando particularmente no quarto final, na « Jardins de Versailles », em que o seu ressonante clímax de Miguel Colombero se tornou logo.

FRANÇA — Paris, dia das revistas, onde se extragam os olhos de cedras de salsas de bicicletas e em que se colhem as suas celestes salsas de Musset Hall e Vaneau, como as « óperas » de Henrique Giraud ou Marie Roche, e « Minotauro », ou « Cervantes », « Raoul Miller », ou Palace, etc., são os melhores frutos da arte teatral.

A parte composta das explorações doces e parte artística e o objectivo tornou em arrancar os aplausos franceses em causa da popularidade flâneuse, quer de Ibsen ou caídos no mundo apesar de vida, « Expressão de Artes Séculares ».

Em tanto o seu, no Théâtre des Arts, a cresta em forma de pena de Bertrand Shaw — Son-Lante, assistiu prisão artística que lhe impõe M. Dusek, conseguindo queles resultados de um e que, regredindo-lhe um ambiente adequado ao desenvolvimento de com um grande autor francês.

INGLATERRA — Londres, desse um grande êxito no drama « representado », com actores de Mr. Fox, « Beggar on Heriback », no Queen's Theater. E uma peça de grande mérito das combinações teatrais de Ford. No Teatro Garrick o drama « Rom », de John Collier e Clarendon Randolph, que assenta no estudo de uma obra de novela americana W. Somerset Maugham, obteve um belo agrado.

ITALIA — Em Roma, no teatro Metropol, a companhia veneziana de Chiechini desempenha de Romeo e Julieta, « A fábris de distâncias ». No Teatro de São de Piave e entre entusiastas das combinações teatrais de Ford. No Teatro Garibaldi o drama « Rom », de John Collier e Clarendon Randolph, que assenta no estudo de uma obra de novela americana W. Somerset Maugham, obteve um belo agrado.

AMÉRICA DO NORTE — New York estreou-se o seu público com o musical, a representação da música-cena, e o musical encantador da « Rainha da China ».

EDUARDO.

PÁGINA DESPORTIVA

POR

RIBEIRO DOS REIS

FUTEBOL INTERNACIONAL

Cresce um mês de intervalo. Portugal continua de realizar os seus dois únicos encontros internacionais desta temporada. O nosso calendário internacional, que só este ano se limitou ao match com a nossa vizinha Espanha, encontra-se agora encarecido com o jogo contra a Itália, que tem sido melhor a fronteira internacional, permitindo que lá forçar-se a jogar com mais segurança do nosso lado. Particularmente interessante é este segundo desporto que representa um auxílio excelente à organização das paixões. Infelizmente o futebol de fronteira não é o único desporto que responde a esta necessidade. Ainda assim, é sempre um fato de interesse alegado em nosso país e no resto da Europa, que existem desportos que permitem cultivar cada vez mais, porque isso vai a melhor propaganda da nossa terra.

Sempre defendemos a necessidade de estabelecer contatos entre os países vizinhos, e isso de culturas mutuamente preservadas e conservadas os nossos métodos de preparação e a nossa classe, por um acordamento mais eficaz dos nossos recursos. A Escola, evidentemente, o país com quem mais estreitas relações devem manter. Essa estreitamento de relações, impõe-se por todos os motivos, pela progressiva amizade das duas nações e pelas alianças de toda a espécie que têm os dois países feito, que tanto podem de contacto e destruir situações da sua história, dos seus costumes e da sua própria linguagem.

Quando no inicio desta temporada se aventurou à Espanha de modo a realizar o encontro entre Espanha, era de saber pelo menos muito empolgado e sua realização, houve muitas preocupações nas nossas autoridades desportivas. E' que o território com a Espanha, a nossa competição internacional que só este ano desapareceu, não tinha para tal quase importância nem o mundo de vida desportivo. A Espanha, pela sua categoria, posição no mundo da futebol, era uma prova de fôrça excelente para a nossa valor e servir a marcar a sua comparação com os nossos rivais, mas era sobretudo uma prova aberta para os amigos vizinhos. Colaborou o encontro com os nossos vizinhos com a sua dura maior e mais completa expansão de relações com outros países, através em termos difundidos pela nossa aliança geográfica, no resto ocidental da Europa, longe, portanto, dos grandes centros industrializados.

A Espanha era o único trago de vida que mantinhamos com o futebol internacional. Qualquer solução de continuidade nas suas relações com a Espanha poderia ser nos extremamente perniciosa, afastando-nos de alguma maneira, quando a realização do encontro não estiver ainda completamente assegurada. Fazendo esse perigo passar. Era-se o encontro com a Espanha e podemos dizer que longe, pois tratasse-se da amizade com o futebol italiano. O recente Portugal-Itália, que marcou como um grande acontecimento para a nossa futebol, foi exequido após da sua realização com um certo desprendimento, não se criando a sua volta a arbitriação necessária, nem se deu devidamente importância. Os relatos do encontro Espanha-Itália, dão conta da maior indicação daquela vitória e das sérias dificuldades em que se viu o time espanhol para vencer em sua própria casa, legaram, porém, chances a atingir da prática, e a prova foi então encerrada com a mesma e estimável sua grande jogada.

Um pouco beneficiado pela sorte, que lhe deu uma tem abandonado, venceu o encontro a Itália, o nosso primeiro grande internacional. Mais que o resultado da vitória, destacou-se o interesse que este encontro trouxe para transportar Portugal, para outras terras que nos tem isolado de apoio da comunidade mundial. A nossa vizinha solteira Itália, que nenhuma relação com os países mais afastados da África europeia, vai constituir a melhor propaganda da nossa terra e dos nossos jogadores.

Estamos certos de que este resultado vai facilitar grandemente o alongamento das nossas relações internacionais. A Itália é a Espanha, as duas grandes vizinhas da África sul, que são provavelmente as únicas posses de referência residindo em que nos concernem à futebol, visto pôr-se outros países, parecendo estar já assegurado em meios a Espanha e Itália.

O como considerar internacional soberana, portanto, não pelo número de encontros, mas pela qualidade dos adversários a defrontar.

NOTICIARIO DO ESTRANGEIRO

FUTEBOL

A International Board, reuniu há dias, apesar de algumas manifestações de regras do jogo.

De futebol, no Brasil, claramente de bola em voo, o jogador tem de se colocar longe do terreno, não podendo pisar a linha de marca.

O jogador não pode agir em círculo quando tem a bola entre as suas pernas, nem sobrepor-se ao seu adversário.

No final do encontro da Suíça o Serviço de Ginebra bateu por 1-0 o F. C. Pern.

No final do campeonato da Alemanha o F. C. de Nuremberg, vencedor de ultimo ano, venceu novamente o Bremen, bateu por 1-0, depois de prolongamento, o F. S. B. de Frankfurt.

Para o final do campeonato de Itália foram operados o Genoa e o Bolonia.



TENENTE RIBEIRO DOS REIS

um dos nossos maiores e mais conhecidos "sportistas", que passa desde hoje a dirigir esta página da "Alma Nova".

Nos dias próximos mostrámos que fomos o resultado da sempre na esquadra. Depois pela Iugoslávia, em Milão e novamente empataram por 2-2, tecnicamente o Genoa e jogou o protestamento regularmente e apresentaram um protesto sobre vários incidentes cometidos durante o encontro, protesto que ainda não tem o seu desfecho. Ao que parece o cargo oficialmente condenou a mesma modalidade, estando ambos esquadras sobre a linha de marca, que deixaram boleiros a marcar os gols.

A seleção da Dinamarca bateu os Corvinians húngaros por 3-0.

O Huddersfield, campeão da Liga inglesa (graduação), bateu por 4-1 o grupo norueguês Brann.

Os famosos campeões húngaros empataram por 1-1 contra o excelente grupo austro-veneziano Viede-Viena.

O excelente grupo alemão Wacker de Munique bateu por 5-2 o grupo de Berlino.

O F. C. de Budapest empatou por 0-0 com o clube M. T. K., e bateu por 3-0 o Szentesi que perdeu por 4-1, mas jogou contra nós.

O Vasco de Belo Horizonte bateu por 3-1 o Polónia de Varsóvia, que só pouco ventre coposamente o grupo francês Golo-Côte de Paris.

Resultados dos desafios internacionais ultimamente efectuados:

Inglaterra-França	5-2
Bélgica-Hungria	3-1
Bélgica-Suécia	0-0
Lituânia-Suécia	3-0
Tchecoslováquia-Austrália	5-1
Noruega-França	1-0
Sórvia-França	4-0
Dinamarca-Suécia	2-0
Espanha-Itália	1-0
Portugal-Itália	1-0

O Stade Français, campeão de Paris, que trouxe a Europa os famosos maiores brasileiros de A. C. Paulista, deve retomar-lhe a visita no final da temporada de 1926. Os franceses jogaram em São Paulo e no Rio, surpreendendo um pouco a sua fama de Miseráveis e Bons Aires.

BOX. — O jovem prodígio francês, Maurice, acabou de conquistar duas vitórias na América.

Interior aos portos, Carl Duane e Tommy Noble.

Nos combates realizados ultimamente no Leste, Alfonso bateu o italiano Frattoni, campeão da França (modificada).

No Circuito de Porto, Edouard Francis bateu vultosamente aos portos, em 12 rounds, o campeão Charles Leblanc.

Gene Yantzen bateu por K. O. no 2º round Tom Gibbons, que era considerado como o mais perigoso rival de Gibbons, que o venceu apenas aos 2000, num combate que durou 15 rounds. Dempsey, que se encontrou na Alemanha, ficou extenuado e 12.000 dólares por semana, quando levou para os galos combate.

DESPORTOS ATLÉTICOS. — Na Alemanha realizaram-se recentemente três interessantes provas de esportes entre Pólopolis e Berlin (25 quilómetros por equipes de 30 homens).

Carrossel. Os equipes foram sendo vencidas a do S. C. Charlottenburg que completou a percurso em 39'44".

O esporte corrido saiu Edith Wade colmado rapidamente em 2.000 metros em 5' 27" . Se era sua performance de basquetebol, fez batalha o recorde mundial da distância, que pertence ao feirense Islands Diana Norma, com 5' 27" .

Em Londres, o conferido atletismo, Poldell fez rapidamente os 100 jardas em 9' .

No mundo que apresenta desportos esportes representativos da França e da Inglaterra, que este ano se realizou no destino, 16, o Francês venceu facilmente por 20 juntas contra 36.

Durante a sequência das militares resultados obtidos:

100 metros, 10' 12"; 200, em 22' ; 800, em 2' 30" ; peso, 13' 10"; disco, 30' 10"; comprimento, 7' 6"; altura, 1' 85"; peso, 3' 30".

O atleta Wade acabou de realizar sua prova, vencendo os 2.000 metros em 5' 22" .

O segredo americano Thor Pendleton, grande especialista de saltos em comprimento, conseguiu recentemente em Chicago, em salto triplo de 7' 83", que lheve de longe o record mundial pertencente ao seu compatriota Legender com 7' 765. Nas ilhas Japão Olímpicas, Hubbard fez o vencedor da prova com 7' 445.

No Alasca, o atleta Hubbard, membro do Poldell, correu rapidamente os 100 metros em 10' . O corredor de meio fundo Poldell bateu o holandês Passen, levando os 900 metros em 1' 56" .

TENNIS. — Continua a disputa da Taça Davis. A Itália, que ultimamente bateu Portugal, foi superada pela França por 5 vitórias contra 0. A França de igualdade dominou a segura os resultados técnicos do encontro:

Lacoste vence Marques por 6-2, 6-2, 6-0.
Bonatti vence Coletta por 6-1, 6-1, 6-1.
Perey vence Coletta por 6-0, 6-0, 6-0, 6-0.
Bonatti vence Marques por 6-2, 6-2, 10-10, 6-3.
Em dobrões, Lacoste-Bonatti vence Marques-Coletta por 6-1, 6-1, 6-1.

A França deve agora enfrentar os seus rivais de novo encontro contra a Inglaterra. Nas suas eliminações da mesma Taça, a Holanda bateu a Suécia por 5 vitórias contra 0, e a Itália venceu a Áustria por 4 vitórias contra 1. A outra metade da zona europeia inclui, portanto, Inglaterra, Áustria e Itália.

O torneio de Wimbledom, verdadeiro campeonato do mundo sobre courts de terra, começou no dia 22 de Junho.

Entre os muitos campeões Bonatti, exímio de seu antigo, Lacoste, Amédée, Moita, Marques, Gilbert e Lacoste.

RIBEIRO DOS REIS.

A MEMORIA DE SACADURA CABRAL

SCIÊNCIA, VONTADE E VALENTIA

PALAVRAS PROFERIDAS NA SESSÃO SOLENE DO NÚCLEO DE RESSURGIMENTO NACIONAL
EM HONRA DO HERÓICO AVIADOR, PELO QUINTANISTA DE DIREITO SR. ERNESTO PEREIRA

Sr. Presidente da República:

O facto de os continentes serem separados por mares, impedia outrora as relações entre eles. O homem só sabia caminhar por terra; a navegação era difícil, tendo poucos elementos científicos ao seu alcance. Foram os portugueses os criadores da Arte de Navegar, dando foros de ciência ao que alí aí fôra aventura. Mais tarde, os homens desejaram levanlar vôo, marchar pela via aérea. Nesse sentido empregaram-se muitos esforços, tendo os portugueses colaborado nêles. E, exactamente como outrora lhe haviam ensinado ao Mundo a ciência de navegar no Oceano, os portugueses deram à Navegação Aérea as necessárias condições de precisão e segurança científicas.

Os homens da ponta de Sagres e os da Aviação Portuguesa estão assim num plano idêntico. E este paralelo é tão formidável e grandioso, que dispensa as doses de poesia e sentimentalismo com que o nosso caráter épico e lírico mimoseia as figuras de Gago Coulinho e Sacadura Cabral.

Munidos dos melhores conhecimentos científicos das suas respectivas épocas, os nossos marinheiros e aviadores chamaram a si a valentia portuguesa, a audácia que nos é peculiar, e um soberano desdém pela Vida.

Sciência, vontade e valentia — eis as três qualidades dos homens que, parlindo de Portugal, ensinaram ao Mundo a arte de vencer o Mar e a Atmosfera.

Sciência, vontade e valentia — eis as três qualidades irmãs, inseparáveis nos portugueses, sempre que êles são grandes, heróicos, majestosos!

Sciência, vontade, valentia — eis as três palavras que erguem ao céu estas outras palavras mais divinas do que humanas, que nos aproximam de Deus, arrancondando-nos à miséria terrena: GLÓRIA! VITÓRIA!

Com vista aos incompetentes e poltrões: quando os portugueses não sabem querer e não querem saber, falam e desnacionalizam-se.

Perficiem enlão à grande comunidade dos imponentes, constituindo uma legião dos sem-patrios.

Sciência, vontade e valentia, disse eu. Falta uma palavra, para sabermos quais são as pedras angulares em que assenta todo o glorioso edifício de Portugal: alma!

Há aqui dentro, no âmago destes arcabouços, uma ânsia, um sonho, uma veemência que é a justificação da nossa própria razão de ser.

Invisível, ignorada pelos outros, uma chama sagrada, um fogo super-humano arde aqui dentro, no peito: o homem foge sempre de ser homem e querer ser Deus.

Todo o homem que não sente em si ânsias de fugir da terra, aproxima-se mais de uma coisa que de uma pessoa.

A ideia de Deus é necessária ao menos para marcar aos homens a meta, o ideal, o fim. Bem sabemos, que não te alcançamos, ó Deus, ó Perfeição, mas — ó sagrada, ó sublime qualidade! — sabendo isso não desanimamos e buscamos sempre, sempre, e sempre! Deus intangível, Perfeição inacessível, mas que todos buscamos com veemência e confiança! ¿Tivemos um paraíso? Perdem-lo? Pois bem: paraíso perdido, paraíso nunca mais reconquistado, mos que sempre pretendemos retomar! Simplesmente o paraíso não está fora de nós, nem é o paraíso Bíblico: o paraíso está, sim, dentro de cada um de nós. A Perfeição não está no céu, está na nossa consciência!

Sacadura Cabral era um homem que mereceu esse nome: marchou em busca de Deus, quis construir o seu paraíso. Para o fazer não tinha as mãos de Viana da Mota, as orquestrações de Beethoven, o paleta de Rafael nem a pena de Camões: tinha o seu avião.

Tinha sciência, vontade e valentia; a sua alma bradou-lhe então: busquemos a Perfeição, vamos mais Além! E Sacadura venceu.

ERNESTO PEREIRA.

BIBLIOGRAFIA

Livros ultimamente recebidos: Jerónimo Valverde no colégio e sua infância (Romance), por Henrique de Vilhena. Recomendável pela sua leitura sábia e edificadora.

Amanhecer, por Maria Helena. Primeiros versos que são uma inegável revelação.

O Mercador de Perfumes (Poemas), por Fernando Tavares de Carvalho. Livro muito curioso, em que são contados temas exóticos em versos de grande beleza e inspiração. Versos de verdadeiro Poeta.

In Memoriam de Camilo, coordenado por E. de A. e V. de A. e dirigido artísticamente por Soárez Machado. A maior e mais completa obra sobre o grande Mestre até hoje publicada. Ficou assinalando o seu primeiro centenário.

Camilo. Documentos e factos novos. Vol. II, por Ludovico de Meneses. Honesto estudo de análise psicopatológica da ascendência camiliana, donde se conclue que o imortal autor do «Amor de Perdição» e tragico suicídio de São-Miguel-de-Seide «foi vítima dos seus na fatalidade inexordável de um triste legado ancestral que foi causa da sua vida desequilibrada e também da sua grandeza literária.

Torre de Babel, por Fidelino de Figueiredo. Cronicas para ler e meditar. Escritos onde há muito que aprender. O autor classificou-as de «édio da mediocridade e fluctuações espirituais de quem, por entre as balizas de algumas ideias fixas, curiosamente busca um rumo».

Fidelino de Figueiredo, que é um trabalhador intransigente, tem para breve um novo volume — «Cinzas do teatro».

Cavalgada do Sonho, por Júlio Quintinha. Novelas

dum intenso idealismo, onde há evocação e grandeza, estilo pulcro e afirmação de talento.

Thérèse Quincia (tetralogia), é um formoso romance de uma curiosa observação psicológica, subscrito por uma ilustre senhora francesa, que vive em Portugal. — Madame Serein Neu.

O sr. André Bellessort, prefazendo o livro, escreveu: «Je vous en félicite, Madame. Vous êtes un bon médecin. Vous ne vous rendez pas sur le traitement que tous faites sauter à vos malades. Mais vous les querrez: tout est là.»

Daqui se infere facilmente a finalidade moral do livro. Recomendamo-lo, pois, às nossas leitoras.

A Pátria Portuguesa e Brasileira, pelo sr. Nuno Caikarino Cardoso, é uma antologia patriótica muito útil, contendo alguns inéditos e dados bibliobiográficos acerca de 57 Poetas Portugueses e Brasileiros. Apreciará como trabalho de síntese e de seleção. O livro, que se divide em duas partes e vários capítulos, cada, «visa não só a evocar as belezas da terra Portuguesa e Brasileira, como algumas das notabilíssimas feitos que honram, sobremodo, as páginas de ouro da História de Portugal e do Brasil.» É digno de todas as boas estantes.

A Palsagem, a Mulher e o Amor, nos versos de João Lúcio, Cândido Guerreiro e Bernardo de Vasconcelos, por José Dias Sancha. Bela oração, onde altos dotes de estilista se aliam aos de observador e crítico.

Exora, por Júlio Rosa Linda, «plaquettes de propaganda da histórica cidade, com preciosas notas e gravuras».

No próximo fascículo, o nosso critico literário fará a apreciação das obras recebidas e das últimas notícias.

actual guerra nunca mais acabará, se o França não desmilitarizar Marrocos dentro de 10 anos. Mais obtém que os marroquinos estão absolutamente deserdados e estabelecer a sua independência, em conformidade com o princípio da própria determinação, adovado na conferência de Versailles após a Grande Guerra.

Em resumo: Que os franceses voltem para França, os espanhóis para Espanha, e deixem Marrocos aos marroquinos.

E justificam — Chacur chez soi...

Descreve-se que a Alemanha favorece os cíclicos, fornecendo-lhes armamentos, tendo os navios de guerra franceses interceptado duas cliniques daquela nacionalidade, nas águas marroquinas, perto de Agadir.

Em Paris foi oferecido, pela Câmara Portuguesa de Comércio daquela cidade, no dia 25 de Maio, um banquete em honra do dr. António da Fonseca, ministro de Portugal em França, a propósito da assinatura do "modus vivendi" franco-português.

A China, que foi durante séculos uma das cidadelas da monarquia absoluta, vivendo os seus habitantes, que se compunham em mais de um quinto da humanidade, numa espécie de longo silêncio-média até quase os nossos dias, ainda não há muitos anos que se elevou à categoria de República e já parece querer ir mais além...

O sr. Ernest Granger, ilustre clérigo francês, considera o futuro deste povo, que o porco-e-pescado da sua opinião, um dos problemas essenciais da hora que passa.

O movimento xenófobo dos estudantes de Chagan, assistidos pelos comunistas russos, é um sinal que a ponderar...

De Macau, onde secula de chegar, vai enviar-nos as suas crónicas o nosso redactor literário e diplomata oficial de Marinha sr. J. Rodrigues Coimbra.



DR. ANTÓNIO DA FONSECA

Ministro de Portugal em França, a quem foi oferecido em Paris um banquete, comemorando a assinatura do "modus-vivendi" franco-português.

71

PELAS PROVÍNCIAS

Cartaxo

A pitoresca e laboriosa vila ribatejana, a que hoje nos vamos referir, é uma das mais antigas povoações portuguesas, tendo adquirido foral em 1512, no tempo de D. Denis.

Esta situada num alto, cercada de muitas herdades, quintas, fazendas de cultivo e excelentes vinhos. Actualmente possui mais de 15.000 habitantes e, distando de Santarém apenas 15 quilómetros, tem acesso por três estações de caminho de ferro: Sant'Ana, Setil e Reguengos, sendo esta a mais distante.

Entre os seus filhos ilustres desaparecidos, é mister que evocemos o nome de Marcelino Mesquita, o autor glorioso da "Leonor Teles".

Comércio e indústria apreciáveis. Possue fábricas de móveis, cerâmica, moagem e de compota de frutas, em Pontevel.

Produz vinhos dos mais famosos e excelentes frutas.

População rude, mas leal e alta, educada nas nobres virtudes do trabalho e da dedicação pela sua terra, bem digna é de que a saudemos!

Regulação, permitem a aplicação de métodos de transporte de tiro que proporcionam à artilharia a faculdade de manobrar com os seus fogos, depois de haver manobrado com o material, deslocando rápida e inesperadamente os seus feixes de trajectórias para outros. Estes factores concorrem poderosamente para fornecer à artilharia actual aquela faculdade manobradora, tanto de material como de fogos, absolutamente indispensável no combate moderno.

A adopção de órgãos de remuniciamento automóveis, para todas as categorias de artilharia, garantindo o transporte rápido de colossais municiamentos, concorrem extraordinariamente para o notável acréscimo de potência dos fogos de artilharia, permitindo tirar o máximo partido dos novos materiais de tiro rápido, e dos respectivos métodos de tiro. No último período da Grande Guerra conseguiam-se, em horas, efeitos materiais que no seu inicio exigiam alguns dias, exactamente pela penúria de material e escassez de municiamento com que ela foi iniciada pelos aliados.

MOBILIDADE DO MATERIAL. MOBILIDADE E POTÊNCIA DOS FOGOS.

A mobilidade do material, que foi notavelmente aumentada (particularmente para os médios e grandes calibres) com a adopção da tração mecânica, garante à artilharia não só a manobra táctica mas muito especialmente a manobra estratégica, assim, permite à artilharia leve e pesada, não só efectuar com rapidez e relativa facilidade, deslocamentos de pequena amplitude dentro do Campo de Batalha, mas ainda permite deslocar dum para outro teatro de operações grandes massas de artilharia, em períodos de tempo muito restritos.

A mobilidade e potência dos fogos, não só lhe garante a acção violenta, brutal e decisiva, como ainda lhe permite manobrar com as suas trajectórias, efectuando sucessivas concentrações de fogos rápidas e violentas sobre os vários objectivos do Campo de Batalha, criando zonas de fogos onde os projéctéis de todos os calibres se sucedem com rapidez e precisão, e mantendo o inimigo numa enervante e desmoralizadora incerteza.

Não tem o Cartaxo algumas bensfeitorias de que se está tornando digna, como abastecimento de águas e luz, mas estamos certos de que os esforços da sua briosa e activa edilidade, no sentido de conseguir esse melhoramento, serão em breve coroados do necessário êxito.

M. SILVA.

A inauguração do rápido para o Algarve

O extremo sul do país acaba de ver realizada uma das suas mais velhas aspirações — a ligação rápida com a capital. A linha do Vale-do-Sado, ultimamente inaugurada, reduzindo já a 7^h, e prometendo reduzir ainda mais, a duração do trajecto Lisboa-Faro, veio trazer um grande incitamento ao comércio e indústrias algarvias, inclusive a do turismo, que a formosa província não pode descurar. Esse trajecto fazia-se em 13 horas, e nem sempre...

Associamo-nos às festas que o Algarve tem dedicado ao engenheiro Director da C. C. F. da S. S., sr. Plínio da Silva, e ao reslante pessoal da mesma companhia, que levou a cabo tão belo empreendimento.

Outras linhas faltam agora construir, no interior da província, para o necessário desenvolvimento agrícola e turístico da mesma.

Tem a palavra o engenheiro sr. Fernando de Sousa, que é autoridade no assunto e muito bem conhece o Algarve. Sua Ex.^a é da seguinte opinião: «Duas apenas são necessárias, e de via simples:

a) Estação de Loulé — Loulé-San-Brás d'Alportel e Faro, com um ramal de San-Brás por S.^a Catarina a Tavira (Em estudo);

b) Trenvia de Portimão a Monchique, prolongado para o lado oposto até à Praia-da-Rocha, e de Lagos a Vila-do-Bispo, Aljezur, Odeceixe, São-Teotónio e Odemira.»

A Comissão que delineou em 1898 a rede complementar do Sul, acrescenta, a propósito desta última, preconizou a construção de uma linha de via reduzida com essa direcção, Irazendo-a até ao porto de Sines. O sr. Plínio da Silva parece não ver muito longe a sua efectivação.

Antes do assentamento desse troço, porém, deverá ser um facto a ligação da rede algarvia com a rede geral espanhola, por Ayamonte, o que não importa menos aos interesses económicos da província.

Nova comarca

Macieira-de-Cambras, acaba de ser elevada a comarca, acontecimento muito festejado pelas figuras mais representativas da laboriosa povoação. Faremos brevemente um estudo circunslaciado do respectivo concelho.

A serra portuguesa

O falho conhecimento, por grande parte dos homens cultos portugueses, do valor arvense das nossas serras, tem dado foros de ciência a uma expressão hoje vulgar — a de que Portugal é um país essencialmente agrícola.

A luz do verdadeiro critério científico, é mais que discutível tal afirmativa. Portugal deve ser considerado, antes de tudo, um país florestal. Os belos aspectos de serra, que vamos brevemente dar, assim o comprovam. Fará a sua apresentação alguém que tem percorrido todo o País em missão de estudo, e é já distinto botânico — o dr. Francisco d'Ascensão Mendonça, nosso ilustre redactor.

72

teza acerca do ponto, ou pontos, sobre que se executará o ataque decisivo.

Pode afirmar-se que a Artilharia saiu da Grande Guerra dotada de todos os elementos indispensáveis ao desenvolvimento máximo da sua acção no Campo de Batalha, em harmonia com os princípios basilares que acabamos de indicar. Assim, a Artilharia actual está habilitada a poder levar ao Campo de Batalha bocas de fogo curtas e compridas de todos os calibres e potências, de tiro rápido ou acelerado, podendo lançar projectéis de grande capacidade e poder explosivo até às maiores distâncias; e dispondo de tão fortes municiamentos, que quase pode consumir sem contar. Pode além disso adaptar as suas trajectórias aos mais variados terrenos pelo emprégio judicioso das suas bocas de fogo curtas e compridas e das cargas normais e reduzidas, por forma a garantir-lhes um máximo de razança em todas as circunstâncias; tem ainda à sua disposição projectéis de gases, que lhe fornecem um meio rápido e seguro de neutralizar objectivos a qualquer distância no Campo de Batalha, logo que se lhe exige

sobre êles uma acção fulminante, incompatível com um tiro de destruição, sempre demorado. Todos estes factores fornecem à artilharia o grande poder destruidor (ou neutralizador) que actualmente se lhe deve exigir, a qualquer distância, dentro do Campo de Batalha.

A artilharia actual dispõe ainda duma grande mobilidade, que lhe é permitida por todos os meios de transporte, desde a tracção hipomóvel, para a artilharia leve e pesada curta, até à artilharia transportada ou rebocada por camions ou tractores de rodas ou a chenilles, ou ainda transportada por via férrea em wagons-tanques especiais.

A organização das *Pranchetas de tiro* e dos *Planos directores*, duma precisão inexcável, e indicando os mínimos detalhes do terreno e das organizações inimigas, conjugada com a execução, por parte de todas as categorias de artilharia, de todas as correções devidas às variações atmosféricas e balísticas, que antigamente constituiam apanhão da artilharia de grande potência, permitem a toda a artilharia a execução de *Preparações de tiro* por tal forma precisas que, além de quase dispensarem nalguns casos a

CHÁ
"GORREANA"

SABOROSO
ECONÔMICO
SAUDÁVEL

Peçam sempre chá "Gorreana"

JAIME HINTZE

PRODUTOR

Ribeira Granda — São-Miguel — AÇORES

A MELHOR OFICINA DO PAÍS

**Litografia
■ MATA ■**

FÁBRICA DE CARTAS DE JOGAR
GERMANO & C.º

Cartas para todos os jogos, em caixas de lito
transparência, corrente e moedado.

Jogos da Gólio, Avulso, Domino, Loto, etc. Venda gráfica

de relações para livros, cartões, aguardentes, etc.

Escrítorio Central — R. da Madalena, 30 a 32 — LISBOA

TELEF. 2422 C.

Oficinas — R. do Burgo, 2 a 4, 1.º S.º (Edifício próprio)

TELEF. 6177 C.

Pequenos anúncios — Úteis e económicos — Cada linha, 1 escudo

COMÉRCIO E INDÚSTRIA
jornal mensal para propaganda
de empresas e indústria portuguesa.
Assinatura anual, 10 escudos.
Editoria e Administração: Rua Al-
meida Garrett, 25-27-D. — LISBOA.

**A CASA do químico o PORTU-
GAL QUÍMICO**, tem em
seu gabinete português, Publica-
ção mensal: Revista anual, 10
escudos. Redação e Administração:
Rua Almeida Garrett, 25-27-D.
— LISBOA.

O 5 enunciados da "ALMA
NOVA" são os que ele-
vem mais garantias ao comer-
cio exterior e colonial.

TODOS os sacrifícios e esforços da
literatura devem servir à Pá-
tria Líbera. Publicação mensal:
Cada revista contém: Histórias pa-
péis em Português. Artesanato artes-
anal escrito. Acções de solidariedade. Di-
rección da Sociedade Portuguesa. Rua
Almeida Garrett, 25-27-D. — LISBOA.

"ALMA NOVA"

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
(PAGAMENTO ADIANTADO):

Portugal e Ilhas S. (6 n.º) 8\$00	Ano (12 n.º) 15\$00
Colónias e Espanha (6 n.º assinatura anual)	20\$00
Brasil e restantes países (idem)	15\$00

NÚMERO AVULSO, 1\$00

(Cada fasc. o preço correspondente aos números)

HOTEL SARZEDAS

Proprietário: António Sarzedas

O hotel mais bem situado em Castelo Branco,
muito perto da estação de caminho de ferro
e do teatro. Recomenda-se pelo seu bom tra-
tamento e pelos quartos confortáveis que tem.

CASTELO BRANCO

FOTOGRAVURA NACIONAL L.º



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL-NORTE-3638

Dr. Ascensão Contreiras
CLÍNICA GERAL
DOENÇAS NERVOSAS

Consultas às 17 horas

San-Pedro de Alcântara, 63-2.º

: LISBOA :

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA,"

(COLEÇÃO RESSURGIMENTO)

: Pedidos à C. João do Rio, 8-1.^o — Lisboa :

Sangue d'Epopeia — A Artilharia Portuguesa na Flandres, por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia, 1 vol. ilust., broch., 4\$00; carton.	12\$00	A Educação Moral — Pelos exercícios de redução, (com a metodologia deste ensino), por José GUERREIRO MURTA	4\$00
De Portugal à Flandres, id., broch.	1\$00	Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES	2\$50
Sinfonia Macabra — Músicos da Kultur, id., id.	1\$00	O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo, por SÁVEDRA MACHADO; edição de luxo, formato grande e profusamente ilustrada.	(a emitir no prelo)
Minha Pátria — Poemas em 3 livros e 3 folhas, id., id., 2. ^a edição, broch., 3\$00; carton.	7\$50	Eça de Queirós — « Revelado por uma ilustre senhora de sua família » (D. C. D'EÇA DE MELO)	3\$00
Cantigas (2. ^a edição), por RENÉO DE BETTERECH, com prefácio de Luís Chaves, 1 vol. br.	2\$50	A carta, um acto em verso, por Mateus Moreno (no prelo)	
Odes de Anacreonte, por LUIS CAEADO NUNES	2\$50	Contos para crianças, por D. BRANCA LOPEZ MARTINS, com ilustrações de Roberto Nobre (Ed. Maranox — Porto)	8\$00
Campanhas Camilianas, por OLDEMIRO CESAR e CRUZ MAGALHÃES, 1 vol. broch., com ilis. de Rafael Bordalo	5\$00	A Estrevista, por CRUZ MAGALHÃES, 1 op. ilis.	1\$00
O Inverosimil — Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista LORNE PECHINCHA de NADAVALE (CRUZ MAGALHÃES).	2\$00		

"ALMA NOVA" volumes I e II da 3.^a série, encad. 25\$00, broch. 15\$50

Em todas as remessas destes livros se faz o desconto de 20 %, aos assinantes da *Alma Nova*

A EMPRESA EDITORA DA "ALMA NOVA" ENCARREGA-SE DA COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E BROCHURA DE LIVROS E QUAISQUER PUBLICAÇÕES, A PREÇOS EXCEPCIONALMENTE CONVIDATIVOS
Também se executam encadernações em todos os géneros e fazem-se remessas de quaisquer livros, franco-ponte

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO :: E CONTABILIDADE :: POR CORRESPONDÊNCIA

No ano da fundação do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência (em 1919), efectuaram-se 237 matrículas. No ano seguinte o número dos alunos foi além de 700 e de então para cá esse número tem crescido de modo tal que bem poucos são os estabelecimentos de ensino que contam igualmente tão grande frequência. Isto prova que são muitas as vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional, devendo este a maioria das matrículas que se vão registando diariamente à propaganda feita não só por aqueles que se habilitaram no Instituto, mas também por todos os que, não tendo ainda completado os estudos, reconhecem já quanto são proveitosos os lições cujos trabalhos executam em casa, agradavelmente, sem o menor transtorno. Uns e outros asseguram, pois, ao Instituto Nacional um êxito cada vez maior, lastimando muitos o tempo que levaram a tomar a resolução de requisitar matrícula por, na sua boa fé, terem dado ouvidos nos que, com ignorância ou infernasse, depreciam o ensino por correspondência, que no estrangeiro já há muito sobrepujou as lições em classe e as horas certas.

As condições para a matrícula nos cursos de Escrituração e Contabilidade são remetidas gratuitamente a quem as solicitar ao Instituto Nacional — Largo Trindade Coelho, n.^o 6 — LISBOA.

Em breve vão começar os trabalhos de composição e impressão de novos cursos na tipografia que para esse fim o Instituto montou agora na sua sede.